



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA – LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA – FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

JAILÂNDIA FLÁVIA GONÇALVES FEITOSA

**GÊNERO TEXTUAL REFLEXIVO E EMANCIPATÓRIO: Vertente
analítica contextual expressa na crônica “O mulherão” de Martha
Medeiros**

JAILÂNDIA FLÁVIA GONÇALVES FEITOSA

**GÊNERO TEXTUAL REFLEXIVO E EMANCIPATÓRIO: Vertente
analítica contextual expressa na crônica “O mulherão” de Martha
Medeiros**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Itaituba para obtenção do título de
Licenciada Plena em Letras.

Orientadora: Prof.^a. Esp. Mestranda Mara
Aparecida Pereira do Nascimento.

Itaituba – PA

2017

JAILÂNDIA FLÁVIA GONÇALVES FEITOSA

**GÊNERO TEXTUAL REFLEXIVO E EMANCIPATÓRIO: Vertente
analítica contextual expressa na crônica “O mulherão” de Martha
Medeiros**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Itaituba para obtenção do título de
Licenciada Plena em Letras.

Orientadora: Prof.^a. Esp. Mestranda Mara
Aparecida Pereira do Nascimento.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ Nota: _____
Prof.^a Maria Danielle Lobato Paes, Especialista.

Orientadora: _____ Nota: _____
Prof.^a Mara Aparecida Pereira do Nascimento, Especialista, Mestranda.

Avaliadora: _____ Nota: _____
Prof.^a Raquel Batista Silva, Especialista.

Resultado: _____ Média: _____

Data: 18 de março de 2017.

À Deus, minha mãe Fausta Feitosa, meu filho João Pedro, meu noivo Fernando Carvalho e toda minha família e amigos que me apoiaram em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar por ter me sustentado até aqui e permitiu que eu conseguisse vencer mais essa batalha.

À minha família que mesmo distante sempre me apoiou e incentivou para que eu pudesse estar aqui.

Aos meus irmãos Fabio Feitosa, Áquila Feitosa, Felipe Feitosa e Fagne Feitosa, minha avó Elvira Araújo.

Ao meu filho João Pedro por ter aguentado minha ausência mesmo tão pequeno minha mãe Fausta Feitosa e ao meu noivo Fernando Carvalho por me apoiar financeiramente e emocionalmente me ajudando e incentivando a nunca desistir de nada.

E por fim agradeço a minha orientadora professora Mara Aparecida Pereira Nascimento pela disponibilidade, paciência, dedicação e carinho que tem demonstrado, peço a Deus que lhe abençoe muito.

“Perigoso é a gente se aprisionar no que nos ensinaram como certo e nunca mais se libertar, correndo o risco de não saber mais viver sem um manual de instruções”.

(Martha Medeiros)

RESUMO

O presente estudo objetiva compreender de que forma os gêneros textuais figuram também como prática social e as crônicas são consideradas como gênero textual reflexivo e emancipatório. Para traçar paralelo demonstrado quanto a esse assunto por meio de revisão literária, contextualiza-se analiticamente a crônica “O mulherão da Martha Medeiros, a qual explana e discute as teorias sobre padrões femininos impostos pela sociedade. A mencionada cronista utiliza o cotidiano feminino em suas obras como tema fundamental, fazendo aporte às peculiaridades de um novo tempo, o tempo que a atualidade tem nos apresentados, fazendo refletir a respeito das multimulheres na contemporaneidade. Esse querer refletir sobre esses modos de mulher que o contemporâneo está produzindo e inserindo de forma direta na subjetividade feminina leva a indagar como a mulher consegue encontrar sua feminilidade com todos os assujeitamentos que lhe são impostos. Para a elaboração e concretização dessa monografia se valeu da pesquisa bibliográfica, da abordagem descritiva/qualitativa e de análise do tipo interpretativa. Verificou-se, ao término deste estudo que as crônicas, em para fazer reflexivo e emancipatório, tudo é motivo de experiência e reflexão, nos fazem refletir sobre um determinado assunto e nos faz persuadir a mudar de atitudes, refletindo sobre nossa maneira de pensar, exatamente por isso é a vertente analítica escolhida para esse estudo. Concluiu-se que no campo social esta pesquisa se fez importante, ainda mais, no campo literário., tendo-se a expectativa de que esse tipo de abordagem analítica desperte o interesse em outros acadêmicos, numa visão curiosa e rebelde que nunca descanse e queira sempre questionar e desejar mais e mais.

Palavras-chave: Gênero Textual reflexivo. Crônica. Martha Medeiros. O Mulherão.

ABSTRACT

The present study aims to understand how textual genres also appear as social practice and the chronicles are considered as a reflexive and emancipatory textual genre. To draw a parallel demonstrated on this subject through a literary revision, the analytical context is contextualized in the chronicle "The woman of Martha Medeiros, who explains and discusses the theories on female standards imposed by society. The aforementioned chronicler uses the daily feminine in her works as a fundamental theme, contributing to the peculiarities of a new time, the time that the present time has presented us, making reflect about the multimulheres in the contemporaneity. This wanting to reflect on these modes of woman that the contemporary is producing and inserting directly in the feminine subjectivity leads to inquire how the woman manages to find her femininity with all the harassments that are imposed on her. For the elaboration and concretization of this monograph it was used of the bibliographical research. , The descriptive / qualitative approach and the interpretative type analysis. It was found at the end of this study that the chronicles, in order to make them reflective and emancipatory, is a matter of experience and reflection, make us reflect on a certain subject and persuade us to change our attitudes, reflecting on our way of thinking, Precisely for this reason it is the analytical strand chosen for this study. It was concluded that in the social field this research became important, even more, in the literary field, with the expectation that this type of analytical approach will arouse interest in other academics, in a curious and rebellious view that never rests and wants Always question and wish more and more.

Key words: Reflective Textual Gender. Chronic. Martha Medeiros. The Woman.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	11
2.1 GÊNEROS TEXTUAIS: DEFINIÇÕES.....	11
2.1.1 Classificação e organização dos gêneros textuais.....	13
2.2 OS GÊNEROS TEXTUAIS COMO PRÁTICA SOCIAL.....	15
2.3 CRÔNICAS: GÊNERO TEXTUAL REFLEXIVO E EMANCIPATÓRIO.....	17
2.3.1 História da crônica.....	18
2.3.2 Características da crônica.....	20
2.3.3 Tipos de crônicas.....	23
3. METODOLOGIA.....	24
3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	24
3.2 OBJETO DE ESTUDO.....	25
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	27
4.1 VERTENTE CONTEXTUAL DO OBJETO ANALISADO.....	27
4.2 CRÔNICA: A VERTENTE ANALÍTICA.....	32
4.3 O MULHERÃO NO CONTEMPORÂNEO.....	33
5 CONCLUSÃO.....	47
REFERÊNCIAS.....	48

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo aqui apresentado à Faculdade de Itaituba destinado a obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras tem como tema Gênero Textual Reflexivo e Emancipatório: Vertente analítica contextual expressa na crônica “o mulherão” de Martha Medeiros. **Objetiva** compreender de que forma os gêneros textuais figuram também como prática social e as crônicas são consideradas como gênero textual reflexivo e emancipatório.

A escolha do tema parte da seguinte premissa **problematizadora**: a experiência docente no Ensino Médio mostrou a questão do desinteresse pela leitura por parte dos jovens adolescentes, em especial de leituras reflexivas que tragam conhecimentos gerais, da dinâmica social e cultural do nosso tempo, levando a participação ativa cidadã. Nesse sentido, vem figurar a crônica com suas narrativas despretensiosas que investigam, expressam e dão visibilidade aos acontecimentos cotidianos, refletindo atitudes e quebrando tabus.

Dentre as inquietações contemporâneas, elegeu-se a mulher no contemporâneo como possível pauta de reflexão em sala de aula, sendo então, necessário obter conhecimentos e contextualização histórica a respeito dos movimentos feministas no intuito de compreender todos direitos conquistados até hoje pelas mulheres, promovendo visão crítica e observando paralelos do cenário atual, de maneira a discutir as teorias sobre padrões femininos impostos pela sociedade, e, neste caso utilizando gênero textual crônica, em específico, análise sobre a crônica de Martha Medeiros escritora gaúcha que utiliza o cotidiano feminino em suas obras como tema fundamental.

As **questões norteadoras** da pesquisa compreendem: De que os gêneros textuais são compreendidos como prática social? Por que as crônicas são consideradas como gênero textual reflexivo e emancipatório? Assim trataremos nos primeiros passos sobre gêneros textuais, estabelecendo um entendimento básico quanto a classificação e organização dos gêneros textuais, em seguida um direcionamento sobre crônicas, características, tipos e principalmente, como gênero reflexivo e emancipatório, bem como, a forma que esse gênero textual consegue atingir o leitor no contexto da social.

A importância deste trabalho foca em problematizar a produção de subjetividade que o contemporâneo vem produzindo na mulher da atualidade, este

cenário reflete sobre o que as mulheres são e que elas realmente desejam. Apreciar as obras de Martha Medeiros, especialmente a crônica *O mulherão* potencializa um repensar sobre a história da mulher, é uma constante reflexão a respeito do tempo. Por fim esta pesquisa será cruzada por questões que lançam o pesquisador a investigar o ser mulher no século XXI, entendendo suas reflexões e ações, o tema apresentado é bastante complacente, pois impõe um repensar todas as práticas designadas ao público feminino considerando uma questão da contemporaneidade.

O estudo se **estrutura** em introdução apresentando a problematização, a justificativa e os objetivos, a fundamentação apresentando aspectos gerais e específicos em relação a gênero textual e crônica, em seguida o detalhamento dos procedimentos metodológicos, os resultados e discussões contextualizando o gênero textual crônica evidenciando se aspecto reflexivo e emancipatório na vertente contextual expressa na crônica *“O mulherão”* de Martha Medeiros.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 GÊNEROS TEXTUAIS: DEFINIÇÕES

O conceito de gênero discursivo foi exposto pela primeira vez pelo autor russo Mikhail Bakhtin como “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 1979, p. 279). Os gêneros que os leitores fazem uso nas suas comunicações verbais são tão característicos e heterogêneos quanto à diversidade da atividade humana. De acordo com a finalidade de cada esfera podemos encontrar uma infinidade de gêneros discursivos que se expandem ou se transformam com o contexto social e histórico.

Vamos iniciar no conceito de gênero defendido por Bakhtin (1992) logo na década de 50 por dois motivos, o primeiro dele é que suas ideias têm sido aproveitadas por muitos estudiosos sobre gênero, dentro da Linguística, no decorrer dessas duas décadas, mais precisamente, ao final do século passado, mesmo que, em muitos casos, não tenham lembrado seu nome. O outro, e sem dúvida de maior importância, deve-se a seriedade e adaptação de suas observações sobre o tema. Bakhtin define gênero como estruturas relativamente estáveis de enunciados elaborados nas diferentes esferas sociais de utilização da língua partindo da investigação de que todas as esferas da atividade humana estão relacionadas com a utilização da língua. Esta utilização se dá em forma de enunciados, os quais, por sua vez, refletem as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas (p. 279), tanto por seu conteúdo quanto por seu estilo verbal como por sua construção composicional.

De acordo com Rojo;Barbosa (2015, p. 35) discorrendo sobre uma educação mais correta para a formação do homem com certo caráter filosófico (os guardiões), surge então o tema da poesia na República (livros II e III) de Platão. Tentando definir a arte da poesia com o conceito de mimesis (imitação e representação), Platão por Sócrates, sugere três gêneros literários bastantes específicos: o Épico (ou narrativo, como a epopeia), o Lírico (como o ditirambo) e o Dramático (como a tragédia e a comédia)”:

Em poesia e em prosa há uma espécie de imitação, “como tu dizes que é a tragédia e a comédia; outra, de narração pelo próprio poeta, é nos ditirambos que pode se encontrar de preferência; e outra ainda constituída por ambas, que se usa na

composição da epopeia e de muitos outros gêneros” (PLATÃO *apud* NATRIELLI, 2003, p. 8-9)

Para os estudiosos dessa época a obra de Aristóteles, a poética (334 a.C.) antecipa a eloquência (300 a.C.), já que são citadas no segundo texto. Na obra poética no primeiro capítulo, Aristóteles cita vários gêneros (epopeia, poema trágico, poesia ditirâmbica, comédia). Discorre sobre as espécies de poesia, utilizando o termo gênero, ou seja, um grupo que reúne espécies diversas de substâncias individuais. Ao decorrer do livro, o autor utiliza-se principalmente da tragédia, da comédia e da epopeia, tratando do conceito da arte como imitação verossímil (ROJO e BARBOSA, 2015).

Representando a forma expressiva ou elocução, capítulos 19 e 21 da poética, Aristóteles utiliza da gramática das formas da língua, dos fonemas (ditos letras) à fase e às insígnias e neologismo, de maneira a tratar das formas linguísticas envolvidas na elocução. (ROJO; BARBOSA, 2015) Assim colocado, o significado de gêneros, fica subordinado ao funcionamento social diversificado das instituições humanas, para o qual é necessária a comunicação ou interação, entre as pessoas por meio da utilização da língua. Para isso servem os gêneros, em sua variedade e heterogeneidade e por isso os estudos dos tipos textuais tornam-se abstrato e inoperante.

Pensar em gêneros textuais é, acima de tudo, parafrasear discorrer do sujeito construtor do texto e das circunstâncias comunicacionais que submergem essa construção. Em diferentes palavras, o gênero pode ser determinado por seus aspectos sócios comunicativos e funcionais, dos quais nascerá a pluralidade textual expressa nos distintos gêneros, que ocorre da necessidade de o sujeito se expressar atendendo a objetivos específicos, visando a um público determinado e limitado por uma especial posição comunicativa (ROJO e BARBOSA, 2015).

De acordo com Marcuschi (2002), em seu texto, Gêneros textuais: definição e funcionalidade, os gêneros são concebidos como fenômenos históricos fortemente ligados à vida social e cultural dos sujeitos. São flexíveis, dinâmicos e surgem a partir das necessidades dos homens, das atividades socioculturais e das inovações tecnológicas. Vamos falar em textos que usamos em nossa vida diária: lista de compras, email, receita culinária, carta, notícia de jornal, conversa de telefone são exemplos de textos que, salvo algumas variações, mantém certas características que nos permitem identificá-los. Não precisamos ler uma carta de outra pessoa, nem saber

o assunto ali tratado para afirmarmos que se trata de uma carta, pois a estrutura de texto é inconfundível: lugar e data; vocativo inicial; cumprimento, desenvolvimento; despedida, assinatura, após o texto. Assim, também acontece com uma receita culinária, basta que identifiquemos a lista de ingredientes e modo de preparo para sabermos que se trata de uma receita.

Chamamos de gêneros textuais os enunciados, escritos ou orais, que são desenvolvidos no cotidiano, com especialidades gerais como assunto, forma, composição e modo que nos permite identificar com facilidade. Os gêneros são muito fixos, tão fixos quanto às práticas sociais a que servem. Contudo, enquanto a prática social permanecer, o gênero textual a ela associado continuará a circular. Assim, como a sociedade está sempre evoluindo, novos gêneros nascem, outros desaparecem e outros se mantêm.

Alguns exemplos de gêneros textuais são: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante.

É importante salientar que todos nós, falantes / ouvintes, escritores / leitores, construímos, ao longo de nossa vida, uma habilidade que diz respeito ao conhecimento de gêneros textuais, caracterização e função. É essa habilidade que nos propicia a escolha adequada do que produzir textualmente nas situações comunicativas de que participamos. É por isso que não contamos piada em velório nem cantamos o hino do nosso time de futebol em conferências científicas, nem fazemos preleções filosóficas atrás de um trio elétrico no carnaval.

2.1.1 classificação e organização dos gêneros textuais

A classificação e a ordem das diversas categorias e modos de escrita, determinamos como gêneros. Desde Platão até os dias atuais, a questão é controversa. Os gêneros são distintas modalidades de concepção narrativa, são classe de texto codificações de propriedade discursivas (TODOROV, 1978: 49,51).

Eles se determinam e distinguem em por fatores variáveis como a temática, a finalidade, a composição e a forma. O conceito de gênero é baseado tanto na forma

exterior, como também na forma interior, mais rudemente sujeito e público (WELLEK e WARREN, p. 289).

Tendo em vista esses fatores, podemos limitar os gêneros literários em três categorias, (épica, lírica e drama). O mesmo ocorre se tratando dos gêneros jornalísticos que são de categoria (informativos e opinativos). Se tratando de gêneros literários, podemos assimilar através de codificação de propriedade do discurso (semânticas pragmáticas e verbais). Os gêneros literários são formas de classificação de textos literários, têm origem puramente no discurso humano. “Um novo gênero é sempre a transformação de um ou vários gêneros antigos: por inversão, por deslocamento, por combinação” (TODOROV, 1978: p. 48).

O autor supracitado ainda destaca que os gêneros existem como criação, funciona como horizonte de espera para os leitores e como modelo de escrita para os autores. Todavia enquanto compilação de discurso, faz-se semelhança com um tempo, com um acordo histórico, com um período político, social e cultural. Mas, na realidade, o conceito nem sempre foi entendido assim. A conceituação de gênero foi, ao longo dos séculos, compreendido como modelo de criação literária e não, como é visto na contemporaneidade, enquanto categoria histórica sujeita a mudança.

Segundo Wellek e Warner a teoria dos gêneros literários pode ser determinada em três momentos chave: Clássico (de Platão e Aristóteles ao neoclassicismo), Romântico (de Hegel aos poetas ingleses) e Moderno (do Formalismo Russo aos nossos dias). Nesta acepção, as três “categorias” ou classes de texto (modos) e respectivas subcategorias (gêneros) são: Narrativa, onde se incluem o romance, a epopeia, a fábula, a novela, o conto e a crônica. Lírica, onde se incluem a ode, o hino, o soneto, a elegia, a canção. Teatral, onde se inserem a sátira, a farsa, a comédia, a tragédia, o auto. Quando se trata dos gêneros jornalísticos, observamos que habitam diversas formas discursivas.

Em meio a comunicação na sociedade, os acontecimentos são enquadrados a partir de modelos funcionais argumentativos da linguagem. Crato (1986) refere que gêneros jornalísticos fazem parte do cotidiano da escrita, diferenciadas por alguns fatores variáveis, desde a forma como aparece à posição do autor, o estilo, o tema, até fatores como a apresentação e grandeza.

São também rotinas e hábitos os verdadeiros gêneros literários pois enquanto no gênero literário há uma grande liberdade de criação que se traduz na identidade original da obra, em cada gênero jornalístico predomina o estereotipo, o hábito e a

relativa uniformidade de apresentações [...] “Podem apontar-se duas razões para a existência de uma grande variedade de gêneros no jornalismo contemporâneo: a multiplicidade de assuntos tratados e a diversidade do público” (CRATO, 1986 p.138).

Os gêneros jornalísticos trabalham como conjuntos básicos, essencialmente ligados à emissão da mensagem jornalística a sua estrutura e forma, podemos dizer que existem dois grandes grupos onde se organizam os gêneros jornalísticos enquanto matriz teórica. Alguns servem para conhecer acontecimentos através de sua descrição e narração. Deseja conhecer ideias através de exibição de explicações de juízo acerca do acontecimento (CRATO, 1986 p. 138).

Exemplificando o gênero jornalístico podemos encontrá-los como: informativos e opinativos. Identificaremos assim. Informativos, onde se incluem a notícia, a breve, a reportagem, a entrevista, o inquérito. Opinativos, onde se incluem o editorial, o artigo de opinião, o artigo de análise, o comentário e a crônica, objeto de estudo. (CRATO 1986)

2.2 OS GÊNEROS TEXTUAIS COMO PRÁTICA SOCIAL

Ao se discutir sobre as áreas de atuação humana como esfera de valor distinta, Weber cita seis domínios ou esferas da prática social, são eles: política, ciência, religião, burocracia, economia e ética, todos com suas doutrinas e costumes (WEBER, 1974.1995).

Como Teixeira explica “enquanto esfera de valor separadas, política, ciência, religião, e burocracia fazem demandas distintas sobre os sujeitos que nelas se inserem, produzindo vocações específicas”. (TEIXEIRA, 1999). Deste modo as práticas sociais não se dão de forma desorganizada, elas se instituem na sociedade de forma distinta nos termos de atuação ou atividade que segue suas doutrinas e costumes respeitando seus princípios éticos. Sendo assim as práticas sociais são centradas em esfera de atuação peculiar. Exemplificando melhor, seria a ética e a diferença de valores entre as esferas de ciência e da complicação que muitas vezes entram em colapso por tamanhas diferenças. Essa ética ou esses valores estão diretamente em conflito com os interesses valores e éticas burocráticas de maior produção e periodicidade baseada em uma concepção fordista de ensino e trabalho em geral. Está totalmente certo ou totalmente errado são apenas olhares diferentes e afazeres que obedecem a diferentes éticas.

Um outro sociólogo que se ocupou dessa reflexão foi Bourdieu. A proposta de Bourdieu “visa cobrir os hiatos deixados pelas outras perspectiva entre teoria e pratica indivíduos e história atores sociais e estrutura, por intermédio dos conceitos de ‘campo’ e ‘habitus” (BOURDIEU, 1982, apud ALMEIDA 2006, p.2). O significado de campo é bem parecido com o de esfera de atividade, mas no ponto de vista de Bourdieu vai além dos valores e da ética. Destaca a ideia de um lugar de produção seja, (artística, científica e literária etc.) como lugar de relações social e objetivas.

De acordo com Bourdieu, para funcionamento deste cujo campo, é indispensável que haja artifício de disputas e atores dotados de um habitus que provoquem a informação e o conhecimento das leis referentes ao jogo, dos elementos, em disputas etc. (ALMEIDA, 2006, p. 2). O campo nada mais é que um lugar onde há disputas dos indivíduos pelos mesmos direitos de estar ali. Já o polo dominante defende o monopólio e elimina a concorrência, expressa Almeida.

A forma que esse campo funciona é garantida entres seus atores, e é denominada por Bourdieu de “habitus”. Para Wacquant, o haitus é: O modo como a sociedade se torna depositadas nas pessoas sob a forma de disposições duráveis, ou capacidade treinadas e propensões estruturadas para pensar, sentir e agir de modos definidos, que então as conduzem nas suas respostas criadoras aos compulsões e convites do seu meio social existente. (WACQUANT, 2007: 66).

Então entendemos que habitus é uma competência prática que se adquire para as ações no campo. Não é uma capacidade natural, mas sim social, e logo mutável através do tempo, dos lugares e, especialmente, pelas classificações de poder. Não tem muito a ver em procurar diminuir a atividade a campo, erro que nos adverte Lahire:

A leitura dos textos mostra que seria abusivo reduzir a apreensão weberiana à de tais realidades sociais [os campos]. Certas esferas de atividade parecem, aparentemente, com o que podem ser os campos (esferas de atividade econômica, política, religiosa, estética, intelectual), mas outras se distinguem bastante claramente (vida doméstica, atividade erótico-sexuais, dimensão ética das atividades...). Mas frequentemente, mesmo as primeiras podem ser consideradas mais como registro de ação, como dimensões da vida social, que como atividades inscritas em espaços-tempos relativamente autonomizados (LAHIRE, 1999, p.31).

Bourdieu (1990, p. 65), afirma em que seu estilo não se filia a nenhuma grande teoria, nem a nenhum autor, mas utiliza de todos os estilos. Assim pode-se procurar ver com domínio do campo a positividade e a negatividade, atribuídas às esferas de atividade. Deste modo para esses autores, a sociedade se constitui e funciona em campos ou esferas de atividade que se regem por leis próprias, as quais determinam

a posição, os poderes, os deveres, os valores e o habitus dos indivíduos que atuam nesses campos ou esferas. Também podemos destacar o que Bourdieu esclarece sobre a maneira de agir entre uma esfera ou campo, os costumes de falar, de escrever e de comunicar interagindo na sociedade, ou seja, utilizando os gêneros discursivos.

2.3 CRÔNICA: GÊNERO TEXTUAL REFLEXIVO E EMANCIPATÓRIO

A crônica como gênero textual é aquela que transita pelo simples folhetim ou a bombástica reportagem, surge como natureza discursiva mista e pertence a um tempo. Pelo jornalismo, cotidiano e literatura aparece no imaginário que as acompanha. Albertos (1982: 123) a refere como um gênero híbrido, juntando os gêneros, informativo e editorializante, como gênero “ambivalente”, sendo em particular uma notícia de interpretação e valorativa onde é narrado o atual e julgado o narrado na mesma dimensão.

Existem dois tipos de crônicas defendidas por alguns autores, que são as jornalísticas e as literárias. Esses autores acreditam que a crônica está no limite, é como um saltar para margem ao lado. O seu estilo pode ser caracteristicamente jornalística ou também literária. Inclusive pode ser analisada como uma obra inteiramente literária mesmo sendo uma publicação em um jornal. Embora haja discordância em meio aos autores afirmando que a rigidez deve estar sempre atual nesta efabulação de uma história, é um conto ligado à classificação e rico em observações, mais especificamente, Melo (1992) diz que a crônica, na imprensa brasileira e portuguesa, é um gênero jornalístico opinativo, centrado no limite entre a notícia de atualidade e a narração literária, com a configuração de um relato poético do real. Controvérsias em meio aos autores a definem como gênero literário menor, como texto narrativo pequeno que se ocupa de um episódio apenas (às vezes banal ou insólito) do cotidiano.

O cronista aproveita o comentário, numa frase significativa, por vezes poética, mas simples e aberta. Apesar de destaque a grandeza literária e ficcionada crônica, afirmam-na como gênero jornalístico, o que mais contatos têm com os gêneros literários clássicos. Os fatos, portanto é pretexto para os autores de crônicas. A partir dos acontecimentos que o próprio dá asas a sua imaginação e viaja no meio fictício. A agregação de ideias, o jogo de palavras e considerações, as contraposições misturam o real e o imaginário ao contexto social. Isto é, não existe como gênero

jornalístico, embora lide com informações jornalísticas, embora apenas se realize numa edição diária e efêmera como o jornal, embora a sua linguagem (coloquial) seja jornalística. Mesmo assim, não é um género jornalístico. Não participa do ambiente do jornal; escapa ao processo de produção jornalística convencional; não corresponde às determinações de espaço e tempo típicos; foge às regras de interesse estabelecido para o jornalismo. Depositada desta forma, a crónica é, hoje, o avesso do jornalismo, é o seu lado crítico, libertário, inovador e humanizado, o que vem sendo asfixiado pelo império da técnica industrializada (MELO, 1992: 85-86).

Sobre o ponto de vista de alguns outros autores temos o género textual crónica apontando que a crónica se movimenta entre ser no jornal e para o jornal, uma vez que é destinado a ser lida diariamente seja-nos mídias escritas ou faladas. Diferencia-se, contudo, do estilo substancialmente jornalístico naquilo em que, apesar de fazer do quotidiano a sua terra permanente, não visa à mera informação, seu desígnio, declarado ou não, habita em transcorrer o dia a dia pela globalização das suas virtualidades ocultas, material esse minimizado pelo jornalista de ofício.

No geral, podemos observar que as crônicas são acontecimentos do cotidiano que nos fazem refletir sobre um determinado assunto e nos faz persuadir a mudar de atitudes, refletindo sobre nossa maneira de pensar. Faremos a seguir um estudo mais detalhado sobre a história da crônica desde as primeiras publicações.

2.3.1 história da crônica

Como género textual muito antigo surgiu desde a Europa medieval e renascentista. Segundo Cidade e Selvagem (1967, p.163), em Portugal, mais precisamente no decorrer do século XII, tem início as primeiras crônicas em forma de prosa em escrita, em português um tanto grosseiro, mas já com o intuito de ferramenta literária. Porém a partir do século XII lá ao final, mas precisamente no período cultural de D. Dinis, a prosa portuguesa amanhece como uma expressão literária.

As provas de mais validade são os cronicões. Os mesmos caracterizavam-se como fatos do dia a dia, mas que eram escritos por iniciativa própria, não necessariamente tinha continuação. Alguns exemplos são as Crônicas Breves do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, esta foi escrita no século XIV, logo após a morte de D. Dinis, e foi publicada por Alexandre Herculano em Portugal. A crônica envolvia

a vida rotineira dos reinados ou de uma autoridade daquela época, suas carreiras político/militar, ou a vida em congregações religiosas dos componentes mais ilustres (Crônica da Ordem dos Frades Menores). Com uma história prática, mais puxada para o diálogo, parecidos com os contos. Da imortalidade da crônica que foi publicada em Quatrocentos, passemos ao transitório das crônicas nas folhas diárias dos jornais.

A crônica é um gênero literário, que mesmo que não pareça pertence ao jornalismo. Na maioria das vezes constitui-se do fruto da soma dos dois gêneros literatura e jornalismo, e estando inseridas nas páginas dos jornais, destina-se a um tipo de público e permanece como um texto jornalístico bem limitado: do sistema de ideias a artigo de fundo do recorrente às estratégias de marketing, das restrições de narração passa dos apertos de produtividade aos limites do espaço (economia de espaço). Analisando sua história quanto gênero textual pode confundir normalmente com a história do jornalismo.

Continuamos persuadidos de que a crônica é o único gênero literário que ainda resiste nos jornais, mas que é também a amostra mais aproximada do jornalismo dentro da literatura. Uma crônica tem o poder de trazer qualidade às páginas dos jornais. É inúmeras vezes uma apreciação crítica, um juízo de valor, uma narrativa de fatos/acontecimentos (reais, como pretexto, ou ficcionais), fazendo-se ocorrer, ora um ora outro entre a subjetividade literária e o relato de fatos. A crônica proporciona reflexão e promove reflexão. (FERREIRA 1986: 502).

Conta à história que o inglês Joseph Addison e o irlandês Richard Steele fundador dos jornais literários *The Tatler* (1709) e *The Spectator* (1711) foram os desbravadores cultores do gênero, destacaram o encanto de texto literário publicado na imprensa. Compreende-se ainda que foi no decorrer do século XIX, a crônica literária, como hoje a conhecemos, por folhetim. No decorrer desse século, a utilização de um ou outro termo era praticamente indiscriminada, sugerindo uma nova modalidade literária que aparecia nas páginas dos jornais.

A crônica foi ficando popular em vários países europeus, como França, Itália e, especialmente, Portugal. A princípio de padrão, em Paris, em 1800, o *Journal des Débats* começa a publicar uma crônica-folhetim diária e que, em 1836, nas páginas do *La Presse*, se populariza enquanto gênero. Ao final do século XIX, os jornais italianos refletem e conhecem o seu valor, dedicando-lhe a página inteira. Portugal não institui restrição à normas em uma Europa encantada as graças da crônica-folhetim. Já em 1827 é divulgado um semanário de política, literatura, ciência e artes:

O Cronista. No mesmo ano foi editado O Português, diário político, literário e comercial, no qual Almeida Garrett escreve a Crónica da Semana. No Distrito de Évora Escreve uma maravilhosa crónica sobre a crónica (QUEIROZ,1867).

A crônica é como uma conversa íntima, insolente, negligente do jornal com os que o decifram: conta muitas coisas, sem sistema, sem nexos; espalha-se livremente pela natureza, pela vida, pela literatura, pela cidade; fala das festas, dos bailes, dos teatros, das ondas, dos enfeites; fala em tudo, baixinho, como se faz ao serão, ao braseiro, ou ainda de Verão, no campo, quando o ar está triste.

A crônica é piadas, segredos, lindas histórias de amores, crimes formidáveis; observa quando não lhe fica mal observar. Atenta, umas vezes triste, como faz a lua, e em outras vezes são alegres, como faz o sol; a crônica tem uma insanidade alegre, possui um desatino aprazível: perturba tudo, agonias e graças, enterros e atores peregrinos, um poema moderno e o pé da imperatriz da China; ela descreve tudo o que pode preocupar pelo espírito, beleza, juventude; ela não tem conceitos, está aqui, nas suas lápides, atraindo, rindo, tagarelado; não tem a voz grossa da política, nem a voz apática do poeta, nem a voz doutoral do crítico; tem uma pequena voz serena, leve e clara, com que conta aos seus amigos tudo o que andou ouvindo, pesquisando, especificando.

A crônica é como estes rapazes que não tem casa e que vivem no quarto de seus amigos, que embarcam com um cheiro de primavera, alegres, risonhos, dançando, que nos abraçam que nos impelem que nos falam sobre tudo, que se adaptam ao nosso papel, do nosso pescoço, no nosso barbeador, que nos aborrecem, que nos fatigam mesmo e, quando se vão embora, nos deixam cheios de saudade.

2.3.2 Características da crônica

O cronista abraça de um jeito livre a sua subjetividade, aumenta livremente a sua ideia. Os livres-arbítrios de forma e de teor estão claros na crônica; pois é admitida a narrativa rica em qualidades e figuras de costume, em jogos e ambiguidades. A crônica e o ensaio se caracterizam pela subjetividade, arrastam idêntica oscilação do eu, mas enquanto o ensaio guarda consecutivamente uma finalidade, a crônica, ou afasta a intencionalidade, ou deixa de ser crônica.

A crônica exhibe peculiaridades particulares. Uma delas diz respeito à concisão: no mais, a crônica é um texto curto, que ocupa metade de uma coluna de jornal ou de

revista. A brevidade cogita, e a um só tempo germina as outras marcas da crônica. A subjetividade é a mais suave de todas, as foco narrativo será sempre na primeira pessoa do singular, o eu está presente de forma direta ou na transmissão do acontecimento segundo sua visão pessoal. Respectivamente monólogo e diálogo o cronista, em monodialogo, se apresenta em show ao leitor, dirigido por uma sigilosa relação eletiva. O estilo em que se despeja monodialogo, direto, natural, jornalístico, de imediata agitação, nem por isso deixa de manobrar todo o arsenal simbólico que aborda as obras literárias.

O estilo escreve a referência das prosa jornalística, procura a ambiguidade da metáfora. Sem ser um exercício de costume, o crônico dispõe de muito pouco ou coisa nenhuma, exceto em afinidade ao motivo encantador, e é por elemento do caráter que se mantém. Perece de estilo a crônica, e morre ainda de um estilo de ingestão fácil, próximo, acessível aos leitores de jornais e revistas, que possui menos exigência de profundez, que de fluência e bijuteria.

Dentre coloquial e literário, almejo o estilo da crônica polissemia, concisão, subjetividade, conversa, estilo entre oral e literário, acontecimentos do cotidiano, falta de metafísica, eis as condições efetivas da crônica, a que falta adicionar tão apenas outro, antes citado : o típico da verdadeira crônica é a valoração do fato ao tempo em que se vai narrando. O comentador, quando descreve alguma coisa, nos dá sua versão do fato coloca em sua versão um toque particular, produzindo um atual tom pessoal. Crato salienta que o autor da crônica “escolhe fatos da atualidade, que valoriza e comenta livremente” (CRATO, 1986: 144).

A mesma opinião tem Fontcuberta, juntando que a crônica julga “uma certa continuidade e regularidade”, que se opõem ao estilo casual dos outros gêneros jornalísticos e ainda, que “deve espelhar a personalidade do jornalista” (FONTCUBERTA, 1996, 105).

Letria (1999: 51-52) afirma que não podemos comentar de um estilo objetivo. Podemos sim considerar que o estilo da crônica é diretamente livre, ainda que se descubra comumente sujeito ao imperativo de uma notícia, fato ou relato. O cronista deve ser livre de caracteres, regras ou princípios formais, comunicando da forma como sente os fatos e tirando partido do mais próprio do seu estilo.

Rebelo, na obra O Discurso do Jornal, diz que a composição da crônica segue de perto o nobre triângulo invertido: figura comumente arremetida para constituir a narrativa jornalística. Inicia-se por acumular o máximo de subsídios e de explicações

sobre a ocorrência. Logo, à medida que se progride na narração, vão-se arquivando, somente, as aparências mais acentuadas até se abordarão categórico. Que mais não é do que a conclusão (REBELO, 2000, p. 120). Ideia oposta tem o jornalista Daniel Ricardo. Referindo-se à estrutura da crônica, e dos textos opinativos em geral, lembra que esta não se subordina às cobranças da técnica do lead e da pirâmide invertida, mas deve conter uma fresta em que se exponha o assunto a tratar e um aumento em que as ideias apareçam por ordem crescente de complicação, sendo, no entanto, um fruto da fantasia criadora do jornalista.

Não confunda crônica com reportagem, na reportagem o acontecimento é a constante; na crônica, é um ponto de referência ou de partida, na reportagem, o jornalista pesquisa o material que necessita, no terreno dos fatos; na crônica, arranca de notas eventualmente ocasionadas por um fato e procura os materiais no seu próprio pensamento.

Na reportagem, o fato é a razão da mesma; na crônica, não passa de uma motivação. A reportagem sugere uma situação de contemporaneidade com citação a uma finalidade de originalidade; a crônica provoca um propósito artístico, de criação estética, com menção a uma ocorrência de atualidade. À existência subjetiva, na reportagem, contesta a reação pessoal, na crônica. A reportagem explana, anota, avalia; a crônica indica, aconselha, seduz a pensar.

A crônica é um gênero ambíguo que mudam entre a reportagem e a literatura, entre o conto impessoal, frígido e descolorido de um episódio banal, e a recriação do cotidiano por meio da imaginação. O tom de reportagem, de narração atual é dado por uma linguagem, exclusivamente referencial, designada igualmente a comunicar uma notícia que a noticiar os frutos da ilusão fundadora.

A metáfora persiste em prevalecer, é certo, mas em grau elementar, próximo do da prosa de irrealidade, com a disputa básica de que, acabada a crônica, o bocado transcrito não acusa qualquer sentido simbólico mais aberto como ocorrem ordenadamente com os modos em prosa. Em toda a crônica, os vestígios de registro situam-se na circunvizinhança, quando não em mistura com os literários; e é a predominação de uns ou de outros que acenará o texto para o final do jornalismo ou da literatura.

2.3.3 Tipos de crônicas

Para Letria a crônica é mediana em distância da notícia e do editorial, da notícia dura e pura, e da anotação formal. Pode também contar que há dois tipos de crônicas: as que reverenciam a um lugar e as que têm que ver com um tema (LETRIA, 1999: 53). O jornalista especifica que as primárias pertencem a um correspondente, a um repórter em viagem, aos correspondentes de guerra. O segundo grupo tem a ver com as consideradas de sucessos, a crônica judicial, a crônica tauromáquica, a crônica social, a crônica de cidade (LETRIA, 1999: 53). Esse mesmo autor identifica e caracteriza vários tipos (subgêneros) de crônica, como a crônica política, a crônica social, a crônica cultural, a crônica de viagem, a crônica judicial, a crônica desportiva, a crônica tauromáquica e a crônica de enviado especial.

Enfatizar, em jeito de conclusão, que lato sensu, o teor de um jornal é ambivalente ou seja carrega dois poderes: de um lado, os textos puramente jornalísticos; de outro, os que exclusivamente o são por acaso. As publicações em um jornal se caracterizam por uma temperatura linguística notadamente literária. Em conclusão, se stricto sensu, o jornal não compete à arte literária, lato sensu o será quando o texto for deliberadamente literário, e neste caso o jornal se converte num veículo ocasional; ou parcialmente literário, e neste caso permanece não o aspecto físicos, mas jornalístico (MOISÉS, 157).

Na realidade, como mostramos, todas as opiniões expostas se compreendem em três correntes, duas que avaliamos como dominantes e uma terceira pouco significativa: a crônica deve ser admitida como um gênero literário, como um gênero jornalístico ou como um gênero misto.

Podemos considerar que a crônica jornalística seria centralizada em casos da contemporaneidade, na ocasião, enquanto a literária teria uma liberdade mais ampla de conteúdo. Conhecendo como gênero literário exposto em jornal, ainda que sem o caráter transitório de uma notícia ou reportagem. Quanto texto conotativo, o que chegaria mais próximo da literatura, afastando do texto jornalístico, por natureza referencial ou denotativa.

3 METODOLOGIA

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Quanto a procedimentos metodológicos para uma pesquisa de caráter científico Severino (2007) aponta quatro modalidades: pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, pesquisa experimental e pesquisa de campo. “Pela seriedade da pesquisa bibliográfica como apoio de conhecimentos científicos produzidos na Universidade”, na avaliação do autor. Portanto, para a realização deste trabalho, fez-se necessário um estudo através de pesquisa bibliográfica realizada em revistas, livros e sites especializados, a procura de conhecimento com o objetivo de fornecer informações a respeito do assunto.

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos. (SEVERINO, 2007, p. 122):

Assim, considera-se a pesquisa bibliográfica passo imprescindível e inicial para todas as análises e revisões das literaturas que trazem uma abordagem, com relação às principais teorias que se refere o tema, completando, desta forma, a Fundamentação teórica desta pesquisa. Quanto à abordagem o autor supracitado aponta a pesquisa quantitativa, e a pesquisa qualitativa, pesquisa etnográfica, pesquisa participante, pesquisa-ação, estudo de caso e análise de conteúdo.

A pesquisa qualitativa é utilizada nesta monografia para os resultados, análise e discussões, sendo então, segundo ainda Severino (2007), necessário que o pesquisador use a metodologia da excelência na compreensão em profundidade dos sentimentos e das motivações do possível dos participantes da pesquisa, ou do objeto de estudo, no caso a crônica O mulherão de Martha Medeiros.

A mencionada análise é de caráter qualitativo, ressaltando-se, se mostra interessante porque permite a visão quanto a visões possíveis e perspectivas significantes a respeito de um dado assunto, isso baseado nos fundamentos teóricos

Ainda quanto à dinâmica analítica, utiliza-se da análise interpretativa, qual trata de interpretar em sentido, de tomar posição própria a respeito das ideias, enunciadas. Portanto, é uma etapa difícil e delicada e deve seguir a sequência:

- Situar o texto conforme a vida e obra do autor, como também no conjunto da cultura e da sua peculiaridade, analisando do ponto de vista histórico e teórico.
- Apontar as pressuposições filosóficas do autor que expliquem suas posturas teóricas.
- Desempenhar uma maneira crítica diante das atitudes do autor em termos de coerência interna da argumentação, validade dos documentos empregados, personalidade do tratamento, oferecido ao problema, profundidade ao exame do tema, abrangência de suas terminações e implicações.

Por meio de uma análise interpretativa qualitativa é possível superar a estrita mensagem do texto, ler nas entrelinhas, manter diálogo entre pesquisador, objeto de estudo, autor da obra e bagagem teórica apresentada, explorando toda fecundidade das ideias expostas.

3.2 OBJETO DE ESTUDO

O estudo em questão se dedica a observação analítica interpretativa da crônica “O mulherão” de Martha Medeiros, uma crônica reflexiva e emancipatória, aspecto que será exibido posteriormente em resultados e discussões. As informações quanto à biografia da referida autora e sua contribuição literária, foram obtidas em Wendt (2012). Martha Medeiros Conforme nascida em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, no dia 20 de agosto de 1961, filha de José Bernardo Barreto de Medeiros e Isabel Mattos de Medeiros, casou-se com o publicitário Luiz Telmo de Oliveira Ramos e tem duas filhas, Júlia e Laura.

Estudou num dos mais tradicionais colégios de Porto Alegre, o Nossa Senhora do Bom Conselho, no bairro Moinhos de Vento e é formada em Comunicação Social, na Pontifícia Universidade Católica (PUCRS), em Porto Alegre. Trabalhou em publicidade, mas logo se sentiu frustrada com a carreira. Quando seu marido recebeu uma proposta de trabalho no Chile, decidiu que uma mudança de país seria uma ótima oportunidade para dar um tempo na profissão. Esta estada de oito meses no Chile, na qual passou escrevendo poesia, acabou sendo um divisor de águas na sua vida.

Quando voltou para Porto Alegre, começou a escrever crônica para jornal e, a partir daí, sua carreira literária deslanchou. Como poeta, publicou os seguintes livros: *Strip Tease* (Brasiliense, 1985), *Meia-Noite e Um Quarto* (L&PM, 1987) *Persona Non Grata* (L&PM, 1991), *De Cara Lavada* (L&PM, 1995), *Poesia Reunida* (L&PM, 1999) e *Cartas Extraviadas e Outros Poemas* (L&PM, 2001). Em maio de 1995 lançou seu primeiro livro de crônicas, *Geração Bivolt* (Artes & Ofícios), onde reuniu artigos publicados em *Zero Hora* e textos inéditos.

Em 1996 lançou o guia *Santiago do Chile, Crônicas e Dicas de Viagem*, fruto dos oito meses em que viveu na capital chilena. Seu segundo livro de crônicas, *Topless* (L&PM, 1997), ganhou o Prêmio Açorianos de Literatura. É autora dos best-sellers *Trem-Bala*, *Doidas e santas* e *Feliz por nada*. Seu romance *Divã*, lançado pela editora Objetiva, já vendeu mais de 50.000 exemplares e também virou peça de teatro, com Lília Cabral no papel principal. Martha ainda escreveu um livro infantil chamado *Esquisita Como Eu*, pela editora Projeto, e o livro de ficção *Selma e Sinatra*.

Suas principais obras são: • *Strip-Tease* (1985) - Poesia • *Meia noite e um quarto* (1987) - Poesia • *Persona non grata* (1991) - Poesia • *De Cara Lavada* (1995) - Poesia • *A Terra Gasta* (1996) - Poesia • *Poesia Reunida* (1998) • *Geração Bivolt* (1995) - Primeiro livro de crônicas • *Topless* (1997) - Crônicas • *Santiago do Chile* (1996) - guia de viagem • *Trem-Bala* (1999) - Livro de crônicas, adaptado para o teatro, sob direção de Irene Brietzke. • *Non Stop* (2000) - Crônicas • *Cartas Extraviadas e Outros Poemas* (2000) • *Divã* (2002) - Romance que deu origem a uma peça, a um filme e série de TV, todos estrelados pela atriz Lília Cabral, no papel de Mercedes. • *Montanha-Russa* (2003) - Crônicas • *Coisas da Vida* (2005) - Crônicas • *Esquisita como Eu* (2004) - Infantil • *Selma e Sinatra* (2005) - Romance • *Tudo que Eu Queria te Dizer* (2007) - Adaptado para o teatro e estrelado por Ana Beatriz Nogueira • *Doidas e Santas* (2008) - Crônicas - Adaptado para o teatro e estrelado por Cissa Guimarães • *Fora de Mim* (2010) - Romance - Em 2012 será adaptado para o teatro e estrelado por Flavia Alessandra • *Feliz por Nada* (2011) - Crônicas • *Noite em Claro* (2012) • *Um Lugar na Janela* (2012) - Contos e Crônicas • *A Graça da Coisa* (2013) - Contos e Crônicas • *Paixão Crônica* (2014) - Crônicas - Antologias • *Liberdade Crônica* (2014) - Crônicas - Antologias • *Felicidade Crônica* (2014) - Crônicas - Antologias • *Simplex Assim* (2015) - Crônicas • *Um Lugar na Janela 2* (2016) - Relatos de viagem. Hoje Martha Medeiros é colunista dos jornais “Zero Hora e O Globo”, além de colaborar para outras publicações, como revistas de grande visão no cenário brasileiro.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 VERTENTE CONTEXTUAL DO OBJETO ANALISADO

Fazendo um breve relato sobre alguns trechos da bíblia em (Gênesis 2 v 17). Refletia o senhor Deus: - “Não é bom que o homem esteja só, precisa de uma mulher para lhe ajudar”. Da costela do Adão, tirou uma mulher e lhe apresentou dizendo: Esta é agora ossos dos meus ossos e carne da minha carne; ela será chamada varoa. (Gênesis 2 v. 23). (ALMEIDA 2009).

Assim podemos perceber na simbologia da criação, o surgimento do ser feminino e a criação do gênero masculino. No transcorrer dos episódios expostos disse o senhor a mulher: - “multiplicarei grandemente a dor da sua concepção em dor darás a luz a filhos; e o teu desejo será para o teu marido e ele te dominará.” (Gênesis 3, V. 16). A partir daí tem início a história da mulher determinada pela cultura machista. Fontes das informações todas Sobre uma visão da Idade Média, que corresponde ao período histórico da Europa, mais precisamente entre os séculos V e XV, logo no início da queda do Império Romano.

Ao final da antiguidade a mulher era vista como um ser supremo, mas na Idade média, toda essa superioridade era vista como algo contra a ação divina. Então neste período da humanidade as mulheres viviam em submissão, o que era reforçado pela religião. Elas se mantinham pacatas e mudas entre as paredes de suas casas, dos conventos e igrejas ouvindo homens habilidosos e eloquentes que lhes impunham regras e conselhos de toda espécie como: Os sermões dos pregadores, os avisos dos diretores espirituais, os conselhos paternos, a ordens dos maridos, as proibições dos confessores, entre outros. Nesta época o corpo e a alma da mulher pertenciam ao governo dos homens, a mesma era obrigada a cumprir as ordens da igreja. Como Eva era vista como a responsável pelo pecado original, com isso a desvalorização da mulher funcionava como tática para reforçar o celibato. Lembrando também da mulher que pediu a cabeça de São João Batista e Dalila que descobriu o segredo de Sansão, o levando à morte, contribuía também com a analogia da mulher como representação do pecado (CASAGRANDE, 1990, p.99).

Observando o histórico das conquistas das mulheres ao longo da história conforme Baines (2008), podemos observar que na sociedade egípcia existem registros de mulheres que faziam serviços domésticos, de tecelagem e de preparação

de cerveja e pão. Muito raramente eram envolvidas nos trabalhos mais pesados, pois os homens fazem o vinho que é mais pesado que a preparação da cerveja.

Com algumas exceções de mulheres musicista e das danças realizadas por algumas moças muito atléticas, o papel das mulheres nos primeiros tempos parece muito decoroso. Mas era comum na época mulheres que cuidavam dos filhos e dos servos e quando os maridos faltavam tomavam de conta também das tarefas deles. Existiu caso de que a rainha com a morte de um faraó teve que governar enquanto seu filho mais velho ainda não podia. (SILVA, 2012: 102)

Em Atenas, na Grécia antiga as mulheres desenvolviam um papel muito reduzido, não tinham poder político eram formadas para ser obediente e designadas a vida domésticas cuidar do lar, do crescimento dos filhos e dominadas pelo pai e pelo marido. Nesta mesma época as mulheres tinham autorização apenas para frequentar festas religiosas e assistir a peças teatrais, para política elas eram consideradas inaptas, não poderiam se envolver de forma alguma. Com algumas exceções como, por exemplo, em Creta, uma cidade grega as mulheres traziam uma vida social ativa participavam de atividades religiosas como sacerdotisas inclusive sendo destaque em espetáculos, exerciam também atividade física e até lutavam e caçavam ao lado de homens. Já em Esparta no comum as mulheres não podiam possuir nenhuma propriedade nem conduzir negócios. Lavavam e costuravam as roupas dos maridos com as linhas que elas mesmas produziam. “Em alguns fragmentos, Demócrito, também associando a mulher à natureza, reduziu a função dela à satisfação sexual masculina, qualificando-a como uma mera fonte de prazer carnal”. (CARTLEDGE, 2000: 18 apud MARTON, 2009).

Às mulheres casada não era oferecido nenhuma oportunidade de trabalho fora de casa, a não ser que esta fosse muito pobre. Não existiam enfermeiras, atrizes, ou qualquer outra função para mulheres, até porque as mesmas não eram capacitadas. Havia sim, prostitutas que eram cortesãs pois as mesmas eram habilidosas no canto, na dança e na conversa. As mulheres de Esparta que tinham mais mordomias que as de Atenas desfrutavam de maior liberdade para atividade física e também gerenciavam terras dos maridos quando os mesmos estavam ausentes, controlavam também as finanças do lar e também participavam de reuniões ligadas a política devido a Esparta ser uma cidade muito ligada a guerra, as mulheres tinham o papel de gerar homens fortes para compor o exército, pois como era uma população pequena, as crianças e mulheres eram organizadas para contribuir em caso de

conflitos. Por isso as mulheres se dedicavam a disputas de jogos e outras atividades esportivas, essas mulheres também tinham como missão cuidar dos pais na velhice. No mais, podemos afirmar que a mulher na Grécia antiga era reprimida por sua inabilidade intelectual, física e de pouca virtuosidade. (SILVA, 2012)

Voltando para a Roma antiga, a mulher tinha várias atribuições podendo também usar maquiagem, penteados e roupas bonitas para receber seus maridos, também rezavam com a família, gozavam de liberdade, sentava-se a mesa com o marido, participavam de banquetes e espetáculos públicos, aparecia como advogada, eram consultadas quanto ao casamento dos filhos e alguns interesses de estado. De acordo com os autores examinados pôde-se constatar que a mulher romana não era nada amável muito menos serena, na realidade era soberba e audaciosa. De acordo com Arruda (s\l). “A mulher romana está longe de ser a escrava [...] os romanos eram senhores do mundo, mas [...] eram escravos das suas mulheres”. Entende-se que a vida social da mulher romana era completamente diferente das demais aqui citadas, pois as mesmas não participavam de trabalho escravo nem serviços domésticos apenas faziam serviços leves como fiar e tecer. (MACHADO, 2008).

Passando para Baixa Idade Média entre os séculos XI e XV, que correspondeu a transição para o sistema capitalista quando houve a criação de novos reinos europeus, neste período por conta da Virgem Maria a visão da mulher se transformou como meio de renovação. Maria acreditou na anunciação do anjo Gabriel, se fez escrava dos fins divinos. Por meio dela a igreja ofereceu as mulheres uma espécie de saída da condição de pecadora. Para a igreja, na época a mulher ao ser mãe, estava se redimindo de seus pecados. (LIMA e TEIXEIRA, 2008: 114).

Em meados do século XVIII e XIX com a revolução industrial e o surgimento de muitas oportunidades de trabalho exploravam as mulheres. Nesse processo de revolução industrial, as mulheres chegaram a cumprir até 16 horas de trabalho diárias e até obrigações maiores que sua capacidade física. Devido à revolução industrial do século XXI o trabalho feminino foi ainda mais aproveitado em vasta escala, a ponto de ser desprezada a mão de obra masculina devido a mão de obra feminina ser bem mais barato. Até que essas mulheres se revoltaram com tantas injustiças e então no dia 08 de março de 1857 fizeram uma greve. Essas mulheres eram funcionárias de uma fábrica de tecido em Nova Iorque, as mesmas reivindicavam por uma redução na jornada de trabalho de dezesseis para dez horas de trabalho diário. E igualdade de salários com os homens. E mesmo cobertas de razão as mesmas foram trancadas na

fábrica e incendiadas, morrendo carbonizadas. Daí então em homenagem a essas mulheres foi decidido, em uma conferência na Dinamarca em 1910 que o dia 08 de março seria comemorado o “Dia Internacional da Mulher”. Este acontecimento criminoso de 1857 influenciou sérias mudanças em todo o mundo. (NASCIMENTO, 2011: 908).

Em 1859 “movimento de luta pelos direitos das mulheres é criado na Rússia, 1862 mulheres votam pela primeira vez em eleições municipais na Suécia, 1865 cria-se a primeira Associação Geral das Mulheres Alemãs, 1866 no Reino Unido, economista exige o direito de voto para mulheres inglesas, 1869 foi criado a Associação Nacional para o Sufrágio das Mulheres (EUA), 1870 mulheres passam a ter acesso aos cursos de medicina na França, 1874 cria-se a primeira escola normal para formar professores no Japão, 1878 surge a Universidade Feminina na Rússia, 1901 defende-se o direito de voto para mulheres na França”. Mas somente no século XX mulheres conseguiram o direito de trabalhar fora de casa, pois com o decorrer da guerra mundial, na ausência dos maridos as mulheres tiveram de assumir o lugar dos maridos para suprir a necessidades do lar. Logo com a volta dos maridos da guerra, começa a discriminação pela revolta masculina sem trabalho, pois os mesmos estavam sendo ocupados pelas mulheres. (NASCIMENTO, 2011).

Já no Brasil, o direito de voto foi concedido às mulheres em 1932, bem de ser eleita cargos no legislativo e no executivo até que uma mulher assumisse a presidência na atualidade, mas se engana quem pensa que uma mulher brasileira nunca havia tentando um lugar na política. A luta de nossas avós por representação política vem de longas datas, e até hoje algumas de suas reivindicações nunca foram atendidas. (PRIORE, 2012).

O século XIX marcou o país, devido a vários motivos inclusive pelas várias tentativas da mulher nas discussões sociopolíticas, uma das pioneiras foi a professora Nísia Floresta que após se separar do marido o que não era nada comum naquele período, sustentava sua mãe e seus filhos, além de enfrentar muito preconceito. Em 1832 publicou o artigo “Direitos das mulheres e injustiças dos homens” por volta de 1924 Ana de Barandas foi contra a Revolução Farroupilha e contra a separação da província do Rio Grande do Sul. Contava com o auxílio de Delfina Benigna da Cunha e Maria Josefa Barreto. A poeta Narcisa Amália no Rio de Janeiro surge como a primeira mulher a ser jornalista. (SEOANE, 2012). Entre vários movimentos sociais brasileiros, as mudanças evidenciadas acima se efetivaram, primeiramente, a partir

das batalhas do Movimento Feminista que teve início na década de 1960 e aumentou sua força na década de 1970. Esses movimentos defendiam os direitos das mulheres e reivindicavam maior equidade entre os gêneros, bem como a expansão dos direitos civis e políticos; se junta a tudo isso a luta contra a violência doméstica, o assédio sexual e o estupro.

Louro (1997) afirma que, com uma magnitude excepcional, se espalhando por vários países ocidentais, a adesão ocorreu a ser reconhecido, após, como a primeira onda do feminismo, abrangendo que seus objetivos mais imediatos estavam ligados aos interesses das mulheres brancas de classe média. A chamada segunda onda teve início ao final da década de 1960 e foi o momento em que o feminismo, além de preocupar-se com questões sociais e políticas, voltou-se para as edificações unicamente teóricas. Ao contrário do que muitos pensam o feminismo não ambiciona a igualdade entre os gêneros. Conforme Louro (1997), ao progredir em suas teorizações, o feminismo vai contestar à denúncia da diferença transformando-a numa afirmação, ao modo que, não somente distinga como também valorize, a diferença entre mulheres e homens.

Diferença e equidade exibem uma ideia de divisão contestada pelo Movimento Feminista: as diferenças não são exclusividade dos gêneros, porque mulheres e homens são diferentes entre si assim como quaisquer outros sujeitos. Caracterizar, assim, não enquanto obstinação, mas sim enquanto capacidade de humanização. O Movimento Feminista alavancou as mulheres a reivindicarem outras probabilidades de conhecer. De alguma forma, se cansaram do posto de guardiãs da família (MEDEIROS, 2012, p. 45): desejam ir além, caminhar por outros espaços e conquistar novos territórios em que os métodos de separação pudessem surgir e legitimar-se. As lutas das minorias tal qual o Movimento Feminista, conforme Louro (2008, p. 20), tinham o propósito de tornar bem vistos outros modos de viver, os seus próprios modos, suas estéticas, suas éticas, suas histórias, suas experiências, suas questões; uma batalha pelos direitos de tomar decisões por si.

Para Baptista (1995), desde o movimento feminista, a mulher percebeu sua classe e seu potencial mental, sua capacidade de trabalho e competitividade em relação ao homem. Esse movimento levou as mulheres a sair dos limites da casa para trabalharem fora, avivando a divisão entre o público e o privado. Do mesmo modo, aos poucos, a maternidade e as tarefas domésticas foram ficando em segundo plano, já que passaram a dividir espaço com outros admissíveis: Até nossos dias, a essência

feminina sempre se ordenou em função de caminhos social e naturalmente pré-determinados: casar, ter filhos, exercer as tarefas de casa como sempre de costume. Foi nesta época, poderíamos dizer, que encerrou essa severidade: o destino do feminino entrou, pela primeira vez, em um período de imprevistos e abertura estrutural (ALONSO *et al.*, 2002, p. 107-108).

Falando de modo geral podemos dizer que à partir daí o feminismo se multiplicou por meio de faculdades, projetos educativos, projetos de saúde e ONGs. Para tanto podemos constatar que o Brasil continua sem ações que atendam direta e efetivamente os problemas que a mulher enfrenta, gravidez na adolescência, programa de saúde para terceira idade, educação para inserção profissional da mulher entre outros.

Há ainda inúmeras mulheres de garra as quais deixaram seu nome na história, são elas: Amélia Rodrigues, Ignês Pessoa, Maria Amélia de Queiroz, Maria Tomásia Figueira de Melo, Patrícia Galvão, Bertha Lutz. Ao final de 1940 foi criada a Federação das Mulheres do Brasil, suas principais preocupações era a luta contra a carestia, paz mundial e proteção à infância. Logo após, muitas mulheres também se destacaram como, Ana Montenegro, ativista política e feminista, também a psicóloga e socióloga Ester de Figueiredo Ferraz, neste período morreram várias mulheres que protestavam em marchas contra a repressão, tais como: Elza Monnerat, Elizabeth Teixeira, Clara Sharf, Damaris Lucena entre tantas. A década de 70 é lembrada com muita participação feminina discutindo sobre a mulher na sociedade. Podemos dizer as 14 brasileiras mais importantes da história sendo reconhecida pela sociedade são Carmen Miranda, Raquel de Queiroz, Irmã Dulce, Chiquinha Gonzaga, Maria Esther Bueno, princesa Izabel, Olga Benário, Anita Malfatti, Maria Lenk, Zilda Arns, Maria Quitéria, Cora Coralina, Maria da Penha e Dilma Rousseff. (SEOANE, 2012).

4.2 CRÔNICA: A VERTENTE ANÁLITICA

Nas crônicas tudo é motivo de experiência e reflexão, exatamente por isso é a vertente analítica escolhida para esse estudo. Segundo Wendt (2012, p. 12) as crônicas constituem-se relatos em permanente relação com o tempo, alinham-se aos acontecimentos cotidianos.

Para uma visão pura as crônicas podem ser consideradas como narrativas despretensiosas e ingênuas, mas para ótica pensante figuram gênero textual com

escritas investigativas, reflexivas e emancipatórias, que dão visibilidades aos acontecimentos do dia a dia. Adicionando a esta comprovação possui um gosto individual pela escrita de Martha Medeiros que, de forma sentimental e engraçada, abriga as demandas atualizadas se aproximando das pessoas que leem, intensificando um novo pensamento sobre determinado tema e pensamento constante a respeito do nosso tempo e das subjetividades, criada e oferecida neste tempo, por intermédio de suas crônicas disponibilizadas em livros, jornais, revistas respeitadas no país e em outros meios da mídia.

Afirma Wendt (2012) que ler as crônicas de Martha Medeiros nunca foi um sacrifício, é um momento de prazer uma avaliação continua e inesgotável, a autora utiliza o feminino com tamanha propriedade e efeito quando fala sobre a vizinha, sobre a amiga ou uma desconhecida qualquer, reflete sobre si, dá sua opinião, expõe-se, é política assume riscos e acordos quem sabe esta forma de se posicionar e essas particularidades eficazes da escrita de Martha Medeiros tenha mantido presa a atenção dos leitores e trabalhem como um punctum conceito elaborado por Barthes (1984).

A demanda do feminino nas crônicas de Martha Medeiros age como um punctum comovendo uma grande amabilidade quase um amolecimento. A fascinação pouco comum surge da escrita como uma flecha e vem ultrapassar o admirador da obra (BARTHES, 1984, p. 46). É aquele detalhe que seduz o leitor que chega sua presença para transformar nossa leitura que se trata de uma nova obra que eu olho; essa particularidade é o punctum, aquilo que produz algo, dispara irrompe, afeta.

A crônica de Martha Medeiros tem o objetivo de cogitar a respeito dos modos-mulher que está surgindo na atualidade, vendendo e esforçando intervindo diretamente na constituição da subjetividade feminina pelo qual acostuma se orientar a partir da captura dos papéis mais indenitários ou da fabricação de agitações de singularização.

4.3 O MULHERÃO NO CONTEMPORANEO

A crônica Mulherão de Martha Medeiros, analisada esclarece o comportamentos do ponto de vista feminino, possibilitando, inclusive, destacar a opressão machista sofrida, conforme narra a história, mas serve de estímulo para lutar por seus ideais. A mulher deveria perseguir a lucidez sobre suas escolhas, e a

mudança deveria partir do desejo e não do simples fato de mudar. Vale discorrer numa economia afetiva, especialmente, biopolítica, que, de acordo com Pelbart (2009) não se cita mais ao poder a respeito da vida, mas sim à potência *da* vida, aquela que tem consciência do efêmero e sabe que é capaz de agarrar o instante e lidar bem com o que não é definitivo – ou seja, tudo (MEDEIROS, 2008 p.151).

Assim como a mulher, a particularidade feminina acompanhou o processo de modificações sociais e históricas pelas quais passou a cultura ocidental, o pós-Feminismo em que se vive na atualidade continua lutando pela emancipação feminina, entretanto revela uma mulher cheia de dúvidas e contradições: ao mesmo tempo em que deseja ser independente, quer ser uma mãe presente; ao modo em que foca em sua elevação profissional, espera encontrar um grande amor. Os modos-mulher que vêm sendo brotados pelo contemporâneo exibe uma mulher presa às exigências de antigamente, mas disposta a conquistar seu espaço social e profissional. Infere Medeiros (2002) em uma de suas crônicas, quanto ao desejo feminino do matrimônio: “Olhe bem para aquela moça sentada num bar, moderníssima. Ela quer casar [...]. Sim, elas são independentes, viajam, levam camisinha na bolsa, vão ao teatro e leem Camile Paglia. Mas querem casar, pomba!” (MEDEIROS, 2002, p. 18).

Quando Simone de Beauvoir, em *O segundo sexo* (1949), afirma que não se nasce mulher: torna-se mulher (1980, p. 9), expressou a ideia básica do feminismo: a desnaturalização do ser mulher. Nesse significado, o Movimento Feminista, diante de suas próprias exigências, propõe uma óbvia diferença entre homens e mulheres, contudo, tem o desafio de explicar, conforme Louro (1997), que não são as qualidades corporais ou fisiológicas, também não as desvantagens socioeconômicas recebidas de forma fechada, que definem as diferenças exibidas como comprovante para disparidades entre homens e mulheres.

Indo além, a autora limita que é a forma como essas características são concebidas ou avaliadas que vai constituir, efetivamente, o que é masculino e feminino. É nessa definição que um grupo de estudiosas anglo-saxãs começou a usar o termo *gender*, em português, gênero. Com este nome, almejava colocar em questão a equação na qual se articulava um assentado modo de ser a um sexo anatômico que lhe seria facilmente adequado, para argumentar que as diferenças e diferenças entre mulheres e homens eram social e culturalmente edificadas e não biologicamente decididas (MEYER, 2004, p.14).

O mundo feminino não foge disso. As estereotipias são desejos absolutos: ser lindas, jovens, saudáveis e produtivas ainda são adjetivos encaixados pelas mulheres. Eficácia é seu nome do meio. Vão de carona no tempo acelerado do capitalismo, têm múltiplos papéis, são supersônicas (MEDEIROS, 2012b, p. 46). Possui uma independência absurda, aos olhos dos outros semelham não precisar de ninguém, por fim, um bloco de cimento (MEDEIROS, 2012, p. 30). As atividades de uma autêntica mulher burguesa de classe média tendem a ser exaustivas.

Desde a década de 1970 as mulheres costumavam ser eliminada da vida política e das esferas públicas. O papel de mãe sempre foi apresentado como seu irreal máximo, caminho de perfeição e realização feminino sempre associado a um sentido de recusa e sacrifícios prazerosos. Com relação a esse instinto maternal Medeiros (2002) é categórica, a comentar e analisar que a maternidade é obrigação de toda mulher: “mentira, maternidade não é serviço militar obrigatório”.

As separações sociais e a política a que as mulheres foram transportadas conforme Louro (1997) tiram uma decorrência a sua ampla invisibilidade como sujeito já que ocupava-se excepcionalmente da esfera particular. (Kehl 1998) indica que a sociedade da atualidade é herdeira de discursos que no decorrer da história definiram uma natureza feminina eterna e universal. Quanto a isso Medeiros expede aos tempos de juventude de nossas avós; de fato ninguém teve uma avó abalada era outro tempo, talvez fossem mulheres completamente realizadas ou diabolicamente frustrada. (MEDEIROS 2012, p. 45)

Para as mulheres ditas ricas, trabalhar fora de casa, era muito mais do que o sustento de vida, adquire o sentido de produção da subjetividade. Em uma de suas crônicas, Medeiros reflete: “Mãe *foi* mãe, mas faz um tempão. Agora mãe é jogadora de basquete, é *top model*, é atriz, é *superstar* [...]. Mãe *foi* mãe, agora é mãe *também*” (MEDEIROS, 2002b, p. 50).

O trecho evidencia que, ao assumir a cena pública, a mulher aproximar-se a subjetivar-se a partir de outras funções além da maternidade. Comenta Kehl (1998) que os anseios de boa parte das mulheres das classes médias retribuem aos desejos de viver a grande aventura burguesa para além do papel belo que lhes era concedido, de mãe virtuosa e Rainha do Lar (KEHL, 1998, p. 15-16). Desta maneira, ser assalariado retribui ao anseio de esquivar ao isolamento da vida doméstica e lhes garante a fresta para uma vida social.

A mulher Inventou que quer tudo, e tudo ao mesmo tempo: Já não sabemos assimilar o que é prioridade e o que pode ficar em segundo plano: tudo virou prioridade (MEDEIROS, 2012, p. 46). Outra descoberta recente: querem uma folga. Uma folga de si mesmas, da necessidade de provar a todo tempo que são boas, é uma autopromoção que beira o ilusório (MEDEIROS, 2012b, p. 46).

O brilho da contemporaneidade, as mulheres dar ares de estar em uma constante busca de si. Recentemente o desassossego feminino se move para outras questões, talvez porque a cena moderna demonstre-se um tanto quanto apolítica. Compreende-se que as lutas até agora centradas apenas no plano grupal transferem-se para um plano particular, marcado pelas lutas narcísicas alistadas, principalmente, ao corpo e à vaidade. A vontade por pertencimento faz com que elas agreguem novas funções àquelas que, de acordo com a história e socialmente, lhes foram indicadas.

Hoje em dia as mulheres são identificadas por suas capacidades profissionais, entretanto ainda cobram-se e sentem-se deprimidas a serem boas mães para os filhos, boas esposas para seus maridos e competentes donas de casa. Essas mulheres pós-cinderela como menciona Corso (1999), são a própria metamorfose ambulante, aguentam de seus superpoderes, contudo detestam restringir-se. Sobre essa multifuncionalidade feminina, a psicanalista faz uma semelhança com um conhecido desenho infantil: Fruto de um acidente científico, nasceram três Meninas Superpoderosas: “Florzinha, Docinho e Lindinha, que salvam a sua cidade de todo o perigo [...]. Elas endurecem sem perder a ternura jamais. Quando não estão lutando, brincam de boneca e fazem jus a seus nomes” (MEDEIROS, 2002).

A exigência, de si e dos outros, de arraigar-se em diversos espaços também é protestada por Medeiros: Claro que mulheres podem tudo, está sacramentado. Mas talvez não devemos querer tudo [...] Só uma mulher supersônica consegue ter eficácia absoluta em todos os quesitos: melhor mãe, melhor amiga, melhor filha, melhor namorada, melhor esposa, melhor profissional, melhor dona de casa e melhor bunda. É morte por exaustão na certa (MEDEIROS, 2012b, p. 46).

Essa sobrecarga de tarefas nos mostra o quanto fazer-se mulher transformou-se, pluralizou-se (LOURO, 2008, p. 17). O que se ampara, enquanto exceção da contemporaneidade, é que nesta gama de opções que lhe é oferecida, a mulher moderna não reconhece suas preferências, quer tudo simultaneamente. Elas têm vontade de ser independente, mas isso não as impede de sonhar com uma história

de contos de fadas: um príncipe encantado, um casamento sensacional e um deslumbrante felizes para sempre.

No mundo real, o encantamento se desacerta ninguém garante sua felicidade, mas elas têm certeza de que não podem ser solteiras eternamente. A mulher fracassa e a sociedade a julga: não tem nada de errado comigo e nem com ela; Em suas crônicas, Martha Medeiros exhibe momentos de pirraça apropriados aos desejos violadores da maioria das mulheres que a leem, admitindo se identificar. Mulheres que não querem o tédio, que são incontestáveis e querem ser admiradas; mulheres cheias de esperanças e que se atrevem direito ao desatino (MEDEIROS, 2008a, p. 72).

Mulheres que almejam sensações originais, mas que se permitem, em certos momentos, ser pequeninas. Mulheres que fazem as pazes com seus defeitos e fraquezas que se vinculam com outras probabilidades de existir (MEDEIROS, 2008, p. 73). É aquele tipo de mulher que quer ser valorizada em suas funções, que se joga na vida com uma postura própria, autônoma são mulheres que aceitam à impressionabilidade e que sabem diferenciar independência de solidão. Mulheres com o domínio de escolha e com uma liberdade de ir e vir (MEDEIROS, 2012c, p. 30).

Mulheres que almejam muito e algumas vezes nada, que estufam o peito diante dos assédios da vida, mas que assumem quando as coisas não vão bem. Mulheres multifuncionais, acumuladoras de tarefas, mas que sabem (mesmo sem admitir), que o mais perfeito caminho para dar espaço às coisas novas é abrir mão das coisas velhas. Mulheres de Vênus que insistem em visitar outros mundos, pois são insaciáveis e inacabadas.

Loucas e santas. Extravagantes e atraentes. Duvidosas. Embora tenham conquistado certa liberdade sexual com as lutas feministas das décadas de 60 e 70, ainda ficam abismadas ao ver um topless na Praia da Barra. Mesmo obstinadas, querem acompanhar as mudanças sociais e econômicas a bordo de seu veloz trem. Querem ser onipresentes e onipotentes, mesmo que por vezes sua ambição seja a de esticar as pernas no sofá e olhar um programa de culinária na televisão. Apostam fazer a cabeça de que ser feliz por nada é um excelente negócio por mais que no fundo sempre procurem motivos para tal felicidade. É essa inacabável incompletude que as faz olhar para si mesmas e ecoarem em alto e bom som: aqui tem uma história!

Na pós-modernidade, embora com todos os avanços, as mulheres continuam com salários menores que dos homens. De certa forma a vida social econômica e profissional precisa ser resolvida para uma vida mais digna entre homens e mulheres.

Pensar ainda que a mulher conquistou o direito de estar no mercado de trabalho, porém empilhou jornada dupla de trabalho.

[...]Mulherão é aquela que pega dois ônibus por dia para ir para o trabalho e mais dois para voltar, e quando chega em casa encontra um tanque lotado de roupa e uma família morta de fome (MEDEIROS, 2001).

Ela trabalha, estuda, sustenta os filhos e mantém a casa e nesse meio termo ainda encontra tempo para amar. Agora, o feminino, como afirma, Rago (2004), tem ocupado um lugar novo na mente da sociedade: antes diminuída em semelhança ao gênero masculino, na contemporaneidade circula em todos os espaços e acumula novas funções; de certa forma, os papéis modernos e antigos passaram a habitar o mesmo espaço. Assim, compreende-se que as mulheres estão vivendo um sentimento conflitante em relação à combinação de seus distintos papéis, seja no setor privado ou público:

“[...] Mulherão é a empresária que administra dezenas de funcionários de segunda a sexta, e uma família todos os dias da semana” (MEDEIROS, 2001b, p. 205).

Podemos afirmar que a dinâmica da emancipação feminina incide em uma difícil combinação entre a importância crescente de obter e consolidar sua rivalidade no mundo do trabalho e o desejo de manter um papel de evidência na esfera privada, isto é, cumprir com as novas reivindicações de autonomia individual, sem desvencilhar-se de seu lugar de liderança nas prestezas domésticas (OLIVEIRA; TRAESEL, 2008, p. 161).

Elas objetivam novos sonhos, mas se perdem no meio a tantas probabilidades: já não conseguem mais identificar o que desejo do que é exigência, estamos competindo bobamente com os homens, infantilmente com nossas avós e estupidamente com nós mesmas. Ainda desejamos provar ao mundo que (yes, we can) (sim eu posso). (MEDEIROS, 2012b, p. 46).

Conforme Gilles (2000), para a mulher, o fato de se repartir entre dois mundos vem seguido de conflitos e de perguntas, de uma busca de combinação de tarefas,

que é repetidamente fonte de culpa e de insatisfação: infinitas possibilidades de ser outras sem perder-se de si mesma. É conhecer, como explana Corso (2008), que sim, ainda se pode ser muitas, mas nunca todas, o que um dia se compreende que é um alívio. É degustar-se como mãe, esposa, dona de casa, profissional ou qualquer outra coisa, sem deixar de ser mulher, um mulherão (MEDEIROS, 2001b, p. 205).

[...]“Mulherão é aquela que acorda de madrugada para pegar a senha da matrícula na escola e aquela aposentada que passa horas em pé na fila do banco para buscar uma pensão merreca (MEDEIROS, 2001).

Após a Segunda Revolução Industrial e concretização do sistema capitalista, a mulher ocidental, especialmente a europeia e norte-americana, abandonou o espaço privado, ou seja, a casa, o marido e os filhos e passou a ocupar o ambiente público, adotando uma profissão (D’ALONSO, 2008).

Essa emancipação feminina tornou-se um fato irreversível e irretorquível. Mas, isso teve início de fato com e a partir das I e II Guerras Mundiais, períodos em que as mulheres sentiram-se no comprometimento de deixar a casa e os filhos para levar adiante os projetos e o trabalho que eram realizados pelos seus maridos, quando estes foram lutar nas batalhas (PROBST, 2008).

Nesse conjunto, passar a assumir atividades profissionais era, para a mulher, uma obrigação econômica. No entanto, com o fim da Segunda Guerra Mundial, na Europa e nos Estados Unidos e diante da obrigação dos homens regressarem ao mercado de trabalho, uma série de comentários adversos a emancipação feminina proliferou, a qual avigorava a ideia da figura da mulher como a rainha do lar (Costa, 2007). Essa situação cooperou para o individualismo e elevação dos homens como provedores, provocando a desigualdade e hierarquias de gênero.

Assim, precisado a essa desconstrução dos trabalhos das mulheres, instituiu-se nos anos de 1970 e 1980 um projeto feminista mais abrangente e localizado na dissolução de tais construções sociais, principalmente a dicotomia entre público (trabalho) e privado (casa) (BORIS, 2014). Nessa mesma época, no Brasil, também foram levantadas assuntos sobre a invisibilidade da ajuda econômica das mulheres para a sociedade, a semelhança entre os papéis reprodutivos e produtivos delas e de assimilação de artifícios de socialização que cooperavam para a formação de

identificação, estereótipos sexuais e outras coisas catalogadas às questões de gênero (BRUCHINI e PINTO, 2001).

E além disso, a inserção das mulheres no mercado de trabalho e o papel das escolhas que maximizam a conveniência familiar simulavam os pontos centrais da análise econômica sob a visão feminista (Madalozzo, Martins & Shiratori, 2010). Esse panorama abriu espaço para a ativação da participação feminina no âmbito público de produção e suscitou mudanças quanto à divisão sexual de trabalho. Com essa nova dinâmica, a mulher saiu da segurança do lar e passou a enfrentar o mercado de trabalho na busca de novas possibilidades, novas conquistas e novos modelos de vida (LOPES, DELLAZZANA-ZANON e BOECKEL, 2014).

Dessa forma, o trabalho se tornou um objetivo de afirmação da identidade feminina, ou seja, não era mais somente uma questão de necessidade econômica (ROCHA-COUTINHO; PEICINI, 2010). Ela apreendeu que, ao realizar uma atividade profissional, podia ocupar o espaço de astro junto a sua família e de um sujeito ativo na sociedade em uma tentativa de se constituir com mais autonomia e valor. A partir de então acende no País um número exagerado de mulheres que trabalham fora com desempenhos em diferentes campos.

Elas estão presentes em praticamente todas as profissões, ainda que exista preconceito com relação a determinados tipos de trabalho (considerados masculinos), sobretudo no que diz respeito à disputa salarial e de contratação (LEITE e GONÇALVES, 2009; SANTANA, 2010; AMARAL, 2013).

Mesmo assim, advém a expansão da tarefa feminina em profissões de nível superior de prestígio, como a Medicina, a Arquitetura, o Direito e mesmo a Engenharia (D'ALONSO, 2008). Na realidade, essa distinção entre o que é o trabalho masculino e o que é a ocupação da mulher já não tem muita evidência, mesmo que ainda sejam permanentes todas as formas de discriminação.

Implicam, hoje, a direção e as formas de trabalhar que a mulher representa no ambiente público. A prova disso é que, na empresa do conhecimento, a mulher tem cada vez mais seriedade estratégica, pois admite, por exemplo, a construção de equipes de trabalho distinguidas pela diferença e pela desigualdade. É aceitável entender que há um acréscimo de mulheres que adotam postos de diretores nas empresas (PROBST, 2008). Evidente que esse desenvolvimento não ocorre apenas em áreas executivas, mas em toda esfera do mercado de trabalho, já que a mulher

moderna tem buscado continuamente o aprimoramento para dar conta das novas exigências profissionais e sociais.

Assim sendo, fazendo a relação das causas da inserção feminina no mercado de trabalho e os dias atuais, compreende-se que a mulher está atuando mais no âmbito profissional remunerado. Contudo, o que um expressivo anexo de estudos tem evidenciado em que pese determinadas mudanças, é que numerosos jeitos da vida diária parecem prosseguir atribuídos à responsabilidade feminina (Jablosnki, 2010, p. 267).

A mulher ostenta atitudes respeitáveis e que demandam mais tempo e mais obrigação, ao mesmo tempo, em que tem que dividir essas atividades profissionais com as obrigações familiares. É correto que a mulher de hoje aumentou funções, mas ainda não dividiu responsabilidades. Já que a divisão de tarefas domiciliares não ocorre de maneira igualitária entre os membros familiares, o que gera sobrecarga para as mulheres. Embora ocupem, de maneira ascendente, diversas esferas sociais antes dominadas pelo sexo masculino, o contrário acerca das culpabilidades domésticas e familiares não ocorre (GONÇALVES, PRADO & FLEITH, 2011; ALMEIDA & SOARES, 2012).

O papel feminino modificou, enquanto que o papel masculino quase não foi modificado. A sociedade atual exige, e a própria mulher acaba determinando de si mesma, que ela seja múltipla (Rocha-Coutinho, 2004). Assim sendo, a mulher, na contemporaneidade, se reprime as qualidades estafantes do mercado de trabalho, também a prática de serviços caseiros, também governar, preparar a casa e cozinhar, além ainda do cuidado dos filhos e do companheiro. Pois, embora exercendo atividades fora de casa, a mulher é prevenida de abandonar as tarefas caseiras, e mesmo que não as faça, é ela quem deve garantir que sejam realizadas (MAGALHÃES & SILVA, 2010; VIEIRA & AMARAL, 2013).

Nesse conjunto, um dos principais desafios para esta mulher está em harmonizar tempo para tarefas domésticas, acadêmicas, trabalho externo e poder permanecer com os filhos, de forma a ser plausível formar um vínculo afetivo harmonioso e consistente (Simões & Hashimoto, 2012; Amaral, 2013). Por isso semelha viver uma condição complicada, já que a maioria delas sente o desejo de conhecimento a sua condição feminina culturalmente arquitetada - casar, ser mãe, cuidar da casa- e, até, ser realizada profissionalmente. Sobre isso, alguns autores citam que dar conta dos múltiplos papéis tem sido um desafio moderno para o

desempenho da mulher devido à dupla (ou tripla) jornada (GONÇALVES, PRADO & FLEITH, 2011).

E que esse papel social acaba por distorcer sua identificação individual e limitar sua atuação, mesmo quando almejam ser ágeis e bem-sucedidas em todos os papéis, mas com imprudência e sem perder a feminilidade. No entanto, essa composição não se dá sem articulações e conflitos. A vontade de formar relações legitimamente iguais não é suficiente para que modificações aconteçam (VIEIRA & AMARAL, 2013). No que diz respeito às maneiras, há um crescente empenho dos homens em informar, porém, não há uma ação propriamente dita, isso não se daria, como se existisse uma promessa de modificação que não é exercida, situação que tende a gerar frustrações nas mulheres (JABLONSKI, 2010).

O correto é que a múltipla jornada de trabalho o resultado, é geralmente, em abdicar de sua feminilidade, de cuidados com sua saúde e de sua vida sexual pelo estresse do dia a dia (PINTO et al, 2011). Portanto, o problema está em realizar diferentes atividades e obter uma postura de mulher autônoma, capaz, profissional, em encontro com o perfil de mulher dedicada, principalmente, ao espaço privado de representação do lar, designada a cuidar do marido e dos filhos.

Ninguém mais sabe ao certo o que é ser mulher. Estamos sofrendo uma descaracterização. Muito necessária porém nos causa um pouco de aflição. Nos inserimos no mercado de trabalho, temos uma vida sexual livre e optamos por ter filhos mais tardes ou não ter. ocupamos cargos importantes na sociedade como presidentes, diretoras, empresárias, ministras. Mantemos o sustento da família, compramos nossos próprios carros, viajamos a serviço, Saímos para nos divertir com as amigas, praticamos artes marciais. E ainda tem gente que nos perguntam o que é ser mulher. E lhe digo que hoje, ser mulher é a mesma coisa que ser um homem. Nossa masculinidade é um fato. Nenhuma mulher irá desistir de todas as suas conquistas sua independência é um ganho real para nós, para nossa família e para a sociedade.

Saímos da plateia e passamos assumimos o palco de forma plena. E o mundo se tornou mais heterogêneo e democrático, mais eficaz e produtivo, em resumo podemos dizer que ficou muito mais interessante. Mas todas essas conquistas não nos foi nada de mão beijada, ganhamos posições com muita luta, no grito, falando grosso. E agora está complicado reconhecer nossa própria voz. Aquela expressão “Sou mais macho que muito homem” não é apenas o verso de uma música de Rita

Lee, é um pensamento periódico de cérebros femininos. Hoje em dia ninguém mais conhece uma mulher reprimida, omissa, sem opinião, sem pulso essas mulheres foram extintas e deram lugar às eloquentes. E isso não tem nada de errado, repito. Acumulamos uma energia bivolt e isso só nos traz benefícios. Deixamos de ser levadas aos lugares como um simples acessório masculino, e nos integralizamos. Porém essa nova mulher ainda se permitirá um nem que seja por alguns segundos de cuida de mim. Se alguns homens se permitem ser frágil, por que não nos permitimos também. Pois é no amor que a mulher recupera sua feminilidade. É na relação a dois que as vezes nos permitimos sentir-se cansada e de admitir que o outro tome decisões e nos surpreenda.

É por intermédio do amor que voltamos a confiar cegamente, e baixar a guarda e a permitir que nos seduzam, sem considerar isso ofensivo. Inúmeras mulheres estão desistindo de investir num relacionamento por se julgarem incapazes de jogar o jogo antigo: eu, provedor; você, minha fêmea. Os homens sabem que já não aceitamos e nem nos contentamos em receber mesada e ficar em casa guardando a cria, mas, na intimidade, que tal deixarmos a testosterona e o estrogênio decifrar seus papéis convencionais. Um amor sem tanta racionalidade, sem demarcação de território, sem guerra pelo poder.

Afrouxar de vez em quando, com entrega, com gosto. É onde ainda podemos ser a mulher que fomos um dia, sem prejudicar a mulher que somos. Desde criança o homem é preparado para ter muitas mulheres, para ser um caçador para provar sua virilidade. Para os homens a mulher é objeto de desejo carnal, é um troféu, um enfeite para sua autoafirmação.

[...] Peça para um homem descrever um mulherão. Ele imediatamente vai falar do tamanho dos seios, na medida da cintura, no volume dos lábios, nas pernas, bumbum e cor dos olhos. Ou vai dizer que mulherão tem que ser loira, 1,80m, siliconada, sorriso Colgate. Mulherões, dentro deste conceito, não existem muitas: Vera Fischer, Leticia Spiller, Malu Mader, Adriane Galisteu, Lumas e Brunas (MEDEIROS; 2001).

Os padrões estéticos não são para sempre, eles mudam o tempo todo de região para outra e de tempos em tempos essa diferença entre os povos pode ser

influenciada geograficamente falando regimes políticos econômicos. (KURY; HANGREAVES; VALENÇA, 2000).

A crônica como gênero que tudo reflete constitui a pesquisa de análise sobre o tempo pois são narrativas despretensiosas que expressam acontecimentos diários e também investigam pois dão visibilidade aos acontecimentos exigido das mulheres que além de boas esposas, boas mães, ter que garantir uma carreira profissional brilhante e ainda encontrar tempo para ir á academia e clínicas estéticas. Essas mulheres que foram acumulando muitas funções ao longo da história e que muitas vezes se sentem culpadas por não realizar todas essas funções de modo eficiente (MEDEIROS, 2012, p. 190)

Tem-se exigido das mulheres que além de boas esposas, boas mães, ter que garantir uma carreira profissional brilhante e ainda encontrar tempo para ir á academia e clínicas estéticas. Essas mulheres que foram acumulando muitas funções ao longo da história e que muitas vezes se sentem culpadas por não realizar todas essas funções de modo eficiente. (MEDEIROS, 2012^a, p. 190)

Desde os tempos mais antigos há registros desde a pré-história de que o homem se preocupava com a estética, os mesmos utilizavam pinturas no rosto e corpo e se tatuavam para agradar os deuses e afastar os espíritos maus. (KURY; HANGREAVES; VALENÇA, 2000).

Alguns desses registros antigos pode-se observar no Egito eles cultivavam a beleza de forma exuberante, utilizavam pinturas como forma de embelezamento em suas cerimônias religiosas e até na preparação de mortos, eles acreditavam que manter-se limpo afastava as doenças. Os antigos hebreus possuíam muitas técnicas de asseios e cuidado com a pele, os cosméticos era utilizados principalmente para conservação da pele dos dentes, cabelos, os mesmos utilizavam fragrâncias e óleos para promoção da saúde e limpeza. (D'ANGELO; LOTZ; DEITZ, 2011, P. 5).

Já os padrões criados pelos povos antigos da Grécia, são imitados até hoje. O ideal dos gregos era manter o equilíbrio entre a mente e o corpo. E esse amor pela perfeição transformou os gregos em pioneiros nas técnicas de cuidados com a pele e asseio do corpo. Os asiáticos assim como os egípcios combinavam a natureza, os animais e o homem num tipo de cultura sofisticada e elaborada as culturas chinesas utilizavam a riqueza do ambiente natural. As gueixas depilavam o corpo utilizando uma técnica com linhas. (D'ANGELO; LOTZ; DEITZ, 2011, p. 6).

Durante a idade média o ideal de beleza eram as mulheres de pele clara, cabelos loiros e ar de pureza. Porém combatiam o uso de maquiagem o clero afirmava que a maquiagem deixava a mulher mais sedutora o que remetia ao pecado. (D'ANGELO, LOTZ e DEITZ, 2011, p. 7).

A nobreza começa a mudar de função no renascimento, o luxo se torna mais visíveis e mulheres e homens passam a usar joias e a maquiagem ganha um destaque importante. A partir do século XIX tem início uma nova era de conceito de beleza as pessoas mudam de comportamento e os detalhes elegantes estão por toda parte, os burgueses buscavam uma beleza mais leve e natural, a partir daí surge a sociedade de consumo e as indústrias começam a produzir e vender artigos de beleza em grande escala (KURY, HANGREAVES e VALENÇA, 2000, p. 20-21).

O século XX trouxe muitas mudanças e inovações da cultura da beleza, a cada década a estética ia mudando, e essas mudanças ocorreram devido a exposição de outras culturas nos meios midiáticos. (D'ANGELO, LOTZ e DEITZ 2011, p. 8-9) . Os anos 60 se consagra o visual unissex calça jeans, sapatos baixos e até cabelos longos para homens, contudo a mulher é mais cobrada que o homem com relação a beleza, corpos magros e malhados maquiagem da moda pintar os cabelos para esconder os fios brancos, e utilização de cremes como forma de rejuvenescimento. Com o início da década de 90 o conceito de beleza mudou rapidamente, as passarelas deram espaço as modelos magras que vendiam um padrão de beleza e um padrão de roupas e maquiagens. (KURY, HANGREAVES e VALENÇA, 2000, p. 23-24-25). O século XXI o corpo se tornou nosso mais belo artifício de consumo as revistas padronizam a cultura da estética e dos cuidados com aparência. Recentemente mesmo com uma imensa diferença cultural entre os povos existe uma forte tendência de globalização desses padrões estéticos as tradições de cada povo proporciona os diferentes modelos estéticos. Ou seja a cultura dos povos antigos continua viva em nós. (idem , p. 97).

Na sociedade contemporânea a exaltação do corpo e da estética que a beleza instituiu transformou o corpo em objeto de consumo para as indústrias de cosméticos, roupas, objetos eróticos, clínicas de estética, academias, entre outros, as indústrias culturais encarregam-se de criar os desejos e reforçando as ideias e padrões de beleza (MOTA, 2006).

O que é normativo para a mulher moderna não é o fato de padrões de beleza serem impostos de que ela tem que ser bela, uma vez que isso sempre existiu, mas o

fato de afirmação que ela pode ser bela assim que quiser não porque alguém impôs, isso é uma decisão somente dela (NOVAES e VILHENA, 2003).

O peso ideal é aquele a qual você se sentirá livre dentro dele, ninguém ditará que você tem que ser magra ou gorda se assumir seu cabelo afro é uma imposição da mídia ou sua identidade cultural, seu estilo de vida livre onde cada pessoa é responsável por seu estado físico e emocional (RUSSO, 2005).

A imposição de padrões de beleza nada mais é que a potencialização do capitalismo, o corpo é denominado como mercadoria e desejo de beleza. As pessoas são transfiguradas, construídas de acordo com a dinâmica e os modelos estabelecidos pelos veículos de comunicação em massa (MOTA, 2006).

[...] Mulherão é aquela que se depila, que passa cremes, que se maquia, que faz dieta, que malha, que usa salto alto, meia-calça, ajeita o cabelo e se perfuma, mesmo sem nenhum convite para ser capa de revista (MEDEIROS, 2001).

O homem nos dias atuais quer uma mulher bonita, arrumada, que a respeite, trabalhe fora, cuide da casa e das crianças para exibir para os amigos, que ele pode ter um mulherão. Enquanto isso ele não ajuda nas tarefas de casa, reclama de tudo e está esparramado no sofá com um abdômen avantajado, com chulé, jogado. Que ele quer uma cozinheira sem cheiro de alho e cebola.

5 CONCLUSÃO

Os gêneros textuais são compreendidos como prática social enquanto explica valores, política, ciência, religião, e burocracia, observando variados sujeitos e o modo das práticas sociais que se instituem na sociedade com seus costumes e princípios éticos. As crônicas são consideradas como um gênero textual reflexivo e emancipatório que tem como recurso a frase significativa, por vezes poética, mas simples e aberta. A crônica é como uma conversa íntima, insolente, negligente do jornal com os que o decifram ao contar muitas coisas, sem sistema, por vezes até sem aparente. A crônica faz piada, denuncia segredos, conta história de amor, de crimes. É um poema moderno que descreve tudo o que pode preocupar, é política é poética, crítica, pesquisa e específica.

A biografia da cultura exerce uma enorme função sobre o modelo de ser mulher, mas além de todo esse cenário cultural a história individual é um fato muito importante para a posição de sujeito que assumimos. A presente produção longe de querer curar todos esses questionamentos, somente objetivou-se lançar uma visão crítica sobre o panorama atual tentando identificar e refletir sobre a mulher na atualidade. Propôs ainda discutir a respeito das singularizações das mulheres a fim de que pudesse buscar outros modos de viver sua subjetividade. Não desejava de modo algum sugerir um modelo de como as mulheres devem ser ou agir. O intuito não foi desvendar verdades absolutas afinal o sujeito envolvido dispensa qualquer conclusão reducionista a cerca de sua realidade. Escrever sobre as mulheres foi como escrever sobre mim. Como se fosse um processo de autoconhecimento.

Nesse sentido esta pesquisa teve como função lançar um olhar para a crescente participação das mulheres em todas as esferas da sociedade a qual impôs a elas diversos papéis sociais. Deste modo no campo social esta pesquisa se fez importante pela enorme complicação que o tema aborda, e mesmo com todo o preconceito e exclusão sofridos pelas mulheres nas nos deixem ser omissas e que sigamos com a expectativa que essa visão curiosa e rebelde nunca descanse e queira sempre questionar e desejar mais e mais.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. S; SOARES, M. **Mudaram os tempos; mudaram as mulheres?** Memórias de professoras do ensino superior. Avaliação, Campinas; Sorocaba, SP, v 17, n. 2. 2012.
- ALONSO, S. L.; GURFINKEL, A. C; BREYTON, D. M. (Orgs). **Figuras clínicas do feminino no mal-estar contemporâneo**. São Paulo: Escuta 2002.
- BAKHTIN, M, M. **Os gêneros do discurso**. In: estética da criação verbal. Trad.: P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Orientação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BELL, Aubrey, **A Literatura Portuguesa**. Lisboa, Imprensa Nacional, 1971.
- BORIS, E. (2014). **Produção e reprodução, casa e trabalho**. Tempo Social, 2014.
- BOURDIEU, P. **O mercado de bens simbólicos**. In: A economia das trocas simbólicas. São Paulo: perspectiva, 1982.
- _____. **O campo científico esboço de uma teoria da prática**. In: ORTIZ, R. (org).
- BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1990. CIDADE, Hêrnani;
- CIDADE, Hermani; SELVAGEM, Carlos, **Cultura Portuguesa** (I volume), Lisboa, Editorial Notícias, 1967.
- CORSO, D. **Como se chamar a cinderela do século XXI?**. 1999. Disponível em <<http://www.marioedianacorso.com/como-vai-se-chamar-a-cinderela-do-novo-seculo>>. Acesso em: 04 out. 2012.
- CRATO, Nuno, **Comunicação Social**. A Imprensa, 21. Ed. Lisboa, Presença, 1986.
- D'ALONSO, G. L. **Trabalhadoras brasileiras e a relação com o trabalho: trajetórias e travessias**. 2008.
- D'ANGELO, Janet; LOTZ, Shelley; DEITZ, Sallie. **Fundamentos de Estética 1: orientações e negócios**. 10. Ed São Paulo, 2001.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio**. 21. Edição, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1986.
- Fontcuberta, Mar de, La Noticia – Pistas para Percibir el Mundo. 2ª Edição, Barcelona, Paidós, 1996 Disponível em: <<http://www.escritas.org/pt/bio/martha-medeiros>>.
- KURY, Lorelai; HANGREAVES, Lourdes; Valença, Máslova T. **Ritos do Corpo**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2000.

http://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&SubsecaoID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=607705.
https://pensador.uol.com.br/autor/martha_medeiros/biografia/

JABLONSKI, B. A. **Divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano no casamento**. Psicol.. cienc. Prof.[online]. 2010.

KEHL, M, R. **Deslocamento do feminino**. Rio de Janeiro: imago, 1998.

KURY, Lorelai; HANGREAVES, Lourdes; VALENÇA, Máslova T. **Ritos do Corpo**. Rio de Janeiro : Senac Nacional, 2000.

LAHIRE, 1999 Martin Vivaldi, (Martinez Albertos AAVV ANO, s.d.: 45 d António Cândido Victor Silva Lopes, Andrea Guaraciaba e José Goulão MOISÉS, s.d.: 104 Massaud Moisés,. Marques de Melo

LAVOINNE, Yves, **A Imprensa**, Lisboa, Vega, s.d

LEITE, A.P.T.T.; GONÇALVES, S.M.M. (2009). **Flexibilização do comportamento humano diante às demandas de mercado: um olhar especial sobre a experiência de mulheres que ocupam cargos de gestão** (15). In: anais encontro nacional da associação brasileira de psicologia social, São Paulo: ABRAPSO.

LETRIA, Joaquim. **Pequeno Breviário Jornalístico**. Lisboa, Editorial Notícias, 1999.

LIMA e TEIXEIRA, 2008:

LOPES, M. N., DELLAZZANA-ZANON, L, L., BOECKEL M.G. **A multiplicidade de papéis da mulher contemporânea e a maternidade tardia**. Temas em psicologia, 22(4), 917-928. 2014.

LOURO, G. L. **Gêneros sexualidade e educação; uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MACHADO, 2008

MACHADO, A. R.; BEZERRA, M.A. (orgs). **Gêneros textuais & ensino**. São Paulo: parábola Editorial, 2010.

MAGALHÃES, B.; SILVA, G. (2010). **A mulher no trabalho, na família e na universidade**. Revista eletrônica arma da crítica. 2 (2). 177-193.

MARCUSCHI, L.A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONISIO, A.; 2002.

MARTON, 2009 MARTON, 2009

MEDEIROS, Martha. **Mulheres como vieram ao mundo**. IN ____ Feliz por nada, Porto Alegre: L&PM 2012b.

MEDEIROS, Martha. **Mulheres como vieram ao mundo**. IN __ Trem-bala Porto Alegre: L&PM 2001b.

MELO, José Marques de. **Gêneros Jornalísticos na Folha de S. Paulo**. São Paulo, F.T.D., 1992.

MEYER, D. E. **Teorias e políticas de gênero: fragmentos históricos e desafios atuais**. Ver. Bras. Enferm. Brasília, v.57,n.1,jan/fev. 2004.

MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária**, 15 ed. São Paulo, Cultrix, s.d

MOISÉS, s.d.: 104 Massaud Moisés, Marques de Melo REBELO, 2000.

NASCIMENTO, 2011

NATRIELLI, A. **A ética do discurso poético na República de Platão**. Boletim do CPA, n. 15, p. 7-14, jan./jun. 2003.

NOVAES, Joana V.; VILHENA Junia de. **De cinderela a mouroa torta: sobre a relação mulher, beleza e feiura interações**, São Paulo, v.8 n. 15 jun. 2003.

OLIVEIRA, C.R.; TRAESEL, E.S. **Mulher, trabalho e a vida familiar: a conciliação de diferentes papéis da atualidade**. Disc. Scientia. Santa Maria: v9, n. 1, 2008

PINTO, R. M. F., Micheletti, F.A.B.O., BERNARDES, L. M., FERNANDES, J. M. P. A.,

MONTEIRO, G. V., SILVA, M. L. N. et al. (2011). **Condições feminina de mulheres chefe de família em situação de vulnerabilidade social**. Serv. Soc. Soc. [online]. 105, 167-179.

PRADO, R, M, Fleith, D.S., & GONÇALVES, F. C. O. (2011). **Desenvolvimento do talento em uma perspectiva feminina**. Psicol. Cienc. Prof. [online]. 31(1), 134-145.

PROBST, R.E. (2008). **A evolução da mulher no mercado de trabalho**. Instituto catarinense de pós-graduação-ICPG. Gestão e Estratégia de recursos humanos.

REBELO, José, **O Discurso do Jornal**, Lisboa, Editorial Notícias, 2000.

REIS, Carlos, **O Conhecimento da Literatura** – Introdução aos Estudos Literários, 2ª Edição, Coimbra, Almedina, 2001

RICARDO, Daniel, **Manual do Jornalista**, Lisboa, O Jornal, 1989.

ROCHA, Ilídio (adaptação e atualização), **Roteiro da Literatura Portuguesa**, Frankfurt/Main, Verlag Teo Ferrer de Mesquita (TFM) / Lisboa, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1995.

ROCHA-COUTINHO, M. L. **Novas opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamento no Brasil**. Temas de psicologia da SBP.12 (1). 2-17. 2014

RODRIGUES, Ernesto, **Crónica Jornalística – Século XIX**, Lisboa, Círculo de Leitores, 2003.

ROJO, R.; BARBOSA, J.P. **O conceito de “esferas de circulação”**. In Bakhtin: sua aplicação para a construção de currículos para o ensino de língua materna. Caderno de resumo do 13º InPLA. - Intercâmbio de Pesquisas em Linguística Aplicada. São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2015, p. 120.

RUSSO, Renata. **Imagem corporal: construção através da cultura do belo**. Ver movimentos e percepções v.5 n.6 Espírito Santo de pinhal. São Paulo, p. 80-90 jan/2005.

SANTANA, A. M. **Mulher mantenedora/homem chefe de família: uma questão de gênero e poder**. Revista fórum identidade, 2010.

SARAIVA, António José e LOPES, Óscar, **História da Literatura Portuguesa**, 12. Ed. Porto Editora, 1982.

SEVERINO, J. Antônio. **Metodologia do trabalho Científico**, São Paulo, 2007. SILVA, 2012

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar. **Teoria da Literatura**, 8. ed. Coimbra, Almedina, 2007.

TEIXEIRA, C.C. **Hora moderna e política em Max Webr**. Mana, v., n.1, s.p., abr. 2009.

Severino, Antônio José. **Metodologia do trabalho científico**. Editora crtez São Paulo. SP. 2007.

TODOROV, Tzvetan, **Os Géneros do Discurso**, Lisboa, Edições 70, 1978.

TRAVAGLIA, L. C. **O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão**. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 1981. Tipos, gêneros e subtipos textuais e o ensino de língua materna. In: BASTOS, descubra o sobrenome N. M. O. B. (Org.). Língua Portuguesa: uma visão em mosaico. São Paulo: EDUC, 2002c. p.201-214.

VENÂNCIO, Fernando, **Crónica Jornalística – Século XX**, Lisboa, Círculo de Leitores, 2004.

VIEIRA, A.; AMARAL, G. **A arte de ser beija flor na tripla jornada de trabalho da mulher**. **Saúde e sociedade**, 22(2), 403-414. 2013.

WACQUANT, L. **Esclarecer o habitus**. Educação & linguagem, ano 10, n. 16, p. 63-71, jul.- dez. 2007.

WEBER, M. **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974[1946] ____ Metodologia das ciências sociais. (parte 2). São Paulo: Cortez/Campinas: Editora da UNICAMP, 1995. Conferencia apresentada na 50a Reunião do GEL – Grupo de Estudos Linguísticos de São Paulo, maio de 2002. Texto publicado em CD-ROM.

WENDT, Bruna Lajjeado. As (Multi)**Mulheres das crônicas de Martha Medeiros**: A vontade de tudo na contemporaneidade. 2012.
[Www.univates.br/bdu/bitstream/10737/402/1/Bruna](http://www.univates.br/bdu/bitstream/10737/402/1/Bruna)

FEITOSA, Jailândia Flávia Gonçalves.

Gênero Textual Reflexivo e Emancipatório Vertente Analítica Contextual Expressa na Crônica “O mulherão” de Martha Medeiros./ Jailândia Flávia Gonçalves Feitosa. Itaituba: FAI, 2017.

52. f

Orientadora: Mara Aparecida Pereira do Nascimento

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade de Itaituba, 2017.

1. Martha Medeiros 2. O mulherão. I Nascimento, Mara Aparecida Pereira. II. Faculdade de Itaituba. Itaituba, BR - PA, 2017.